



VOZES de uma cidade em andamento

concepção Juliano Caldeira Kestenberg

orientação Pedro Luiz Pereira de-Souza

consultoria Jorge Lucio de Campos

Rio de Janeiro, 2010

Uerj Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CTC Centro de Tecnologia e Ciências

Esdi Escola Superior de Desenho Industrial

vozes de uma **cidade** em **andamento**

VOZES de uma **cidade** em **andamento**

concepção Juliano Caldeira Kestenberg

orientação Pedro Luiz Pereira de Souza

consultoria Jorge Lucio de Campos

Rio de Janeiro, 2010

Uerj Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CTC Centro de Tecnologia e Ciências

Esdi Escola Superior de Desenho Industrial

Agradecimentos

À minha mãe, Celia, a grande culpada por essa vontade de considerar o outro e privilegiar a aproximação e a troca humanos. Mais difícil do que ensinar princípios de empatia e complacência, é ser efetivamente empático e complacente. E tenho certeza que estas são duas qualidades que sobram em você. Obrigado pelo amor e por tudo.

Ao meu pai, Hamilton, pelo olhar sempre atento ao andamento do projeto e pelo apoio e amor incondicionais.

Ao meu irmão, Gabriel, pela força de uma parceria que já dura 23 anos e se estenderá por toda a vida.

À minha namorada, Nathalia, que não permitiu que os milhares de quilômetros de distância entre Rio e Paris diminuíssem seu apoio integral e seu carinho de sempre.

A Hamilton de Holanda e Paulinho da Viola, por terem embalado, com suas músicas, horas e horas de estudo.

Aos queridos Bianca Arcadier e Daniel Saadia, pelo mergulho de cabeça no projeto, trocando feriado ensolarado pela gravação de esquetes dentro de casa.

À professora Noni Geiger, por compartilhar de muitos de meus questionamentos, pelo envolvimento com minha proposta desde os primeiros encontros do 5º ano (ainda em março) e pelo incentivo para que eu não perdesse de vista o sentido poético do trabalho.

À professora Vera Damazio, pelo acolhimento e pela introdução às ideias de autores como Jorge Frascara e António Damásio, indispensáveis à fundamentação teórica deste projeto; à turma do LabMemo, pelas reuniões sempre inspiradoras às sextas-feiras.

Aos entrevistados: Amador Perez, Jorge Lucio de Campos, José Luiz de Paula, Lauro Cavalcanti e Lucia Novaes Malagris, pelo precioso tempo disponibilizado.

Ao professor Jorge Lucio de Campos, pela consultoria que, na realidade, já se estabelece desde o 1º ano da Esdi, em 2005. Obrigado pelas indicações de livros, pela revisão textual e, principalmente, pelo incentivo à exposição e à discussão de ideias coletivamente.

Em especial, ao meu orientador, professor Pedro Luiz Pereira de Souza. Incrível como cada encontro com Pedro pode render horas de conversa sobre os mais variados temas: da confecção de barcos de última tecnologia para regatas aos confrontos entre Santos e São Paulo nas décadas de 1950 e 1960; dos motores Renault aos filmes de Antonioni, passando pela poesia de Octavio Paz. Agradeço por ter me dado espaço e respaldo para discutir novos caminhos e formalizações do design.

A todos que contribuíram, à sua maneira, para a concretização de **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO**: José Joaquim de Barros, Saulo Macedo, Diego Brito, Alice Garcia, Gabriel Leitão, João Angelo Tupper Gil, Carlos Felipe Ribeiro, Zoy Anastassakis, Lucy Niemeyer, Silvia Steinberg, Vinicius Barbosa, Carlos dos Santos (Carlinhos), Gilberto Martins, Almir Mirabeau, Breno Bitarello, Maria Cristina, Nely Teixeira Paulino, Solange Cruz Alves.

"Se um designer cria formas, ele também deve ter a capacidade de duvidar das formas."

Gui Bonsiepe

Sumário

3	agradecimentos
7	resumo
7	palavras-chave
8	introdução
9	questão a ser tratada
10	justificativa
11	relevância
12	objetivo
12	natureza do projeto e estruturação do relatório
14	capítulo 1: A técnica não é neutra
18	capítulo 2: Olhe em volta
24	capítulo 3: Audição de compreensão
28	capítulo 4: Se não o mesmo idioma, a mesma linguagem
32	capítulo 5: Seu trabalho está desqualificado
37	capítulo 6: Melhor do que o neutro
42	capítulo 7: Convocamos a riqueza do mundo
43	vídeo narrativo
50	vídeo das entrevistas
51	vídeo das locações
52	vídeo das cenas dramatizadas
53	vídeo-apresentação
54	aparelhos e softwares utilizados
54	aplicação do conteúdo do DVD
55	capítulo 8: Em um Segundo
60	conclusão
64	anexo
68	referências

Resumo

VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO é um projeto que questiona a aceleração que caracteriza a dinâmica social contemporânea nas grandes cidades, ricas em intolerância e ansiedade.

Em sua porção teórico-reflexiva, o projeto estabelece os princípios de revisão da apropriação tecnológica e de valorização do contato humano e do tempo qualitativo.

A formalização projetual consiste de um DVD, cujo vídeo principal é uma narrativa não-linear que conjuga três elementos básicos: imagens capturadas no Rio de Janeiro em 2010; áudio proveniente de entrevistas e também extraído de documentários e websites; e esquetes roteirizados por mim e interpretados por dois colaboradores.

Palavras-chave elencadas

Desaceleração, cidadania, sensibilidade humana, reflexão, bem-estar.

Abstract

VOICES OF A CITY IN TEMPO is a project that criticizes the acceleration which characterizes the social dynamics of contemporary life in big cities, rich in intolerance and anxiety.

On its theoretical-reflexive part, the project establishes the principles of revision of technology appropriation and of appreciation of human contact and qualitative time.

The formalization of the project consists of a DVD, whose main video is a non-linear narrative which features three basic components: images recorded in 2010 in Rio de Janeiro; audio extracted from interviews, documentaries and websites; and sketches scripted by me and interpreted by two helpers.

Keywords

Deceleration, citizenship, human sensitivity, reflection, well-being.

Introdução

Questão a ser tratada

No ano de 2010, a temática geral estabelecida para os projetos de graduação da Escola Superior de Desenho Industrial foi a da *cidadania*. Estabelecendo um recorte em sua amplitude, este projeto se propõe lidar com o princípio da desaceleração no ritmo de vida do cidadão contemporâneo. Ao longo do processo de desenvolvimento, a ideia foi explorar a necessidade de se atentar para o bem-estar individual, por meio da compreensão, da inclusão, da contemplação.

O antropólogo Roberto DaMatta, discorrendo sobre os ambientes da casa e da rua enquanto modos de ler e explicar o mundo – e não somente enquanto meros espaços geográficos – aponta a rua como um rio:

"A rua se move sempre num fluxo de pessoas indiferenciadas e desconhecidas que nós chamamos de 'povo' e de 'massa'. As palavras são reveladoras. Em casa, temos as 'pessoas', e todos de lá são 'gente': 'nossa gente'. Mas na rua temos apenas grupos desarticulados de indivíduos – a 'massa' humana que povoa as nossas cidades e que remete sempre à exploração e a uma concepção de cidadania e de trabalho que é nitidamente negativa."¹

Sob essa ótica, portanto, DaMatta vê na rua um mundo exterior que se mede pela luta, pela competição e pelo anonimato cruel das individualidades. Esse mundo se contrapõe e, segundo o antropólogo, se complementa ao espaço da casa (DaMatta, 1986).

"(...) na casa podemos ter tudo, como se ali o espaço fosse marcado por um supremo reconhecimento pessoal: uma espécie de supercidadania que contrasta terrivelmente com a ausência total de reconhecimento que existe na rua."²

As palavras de DaMatta, publicadas em 1986 no seu livro *O que faz o brasil, Brasil?* se revelam esclarecedoras para entendermos a dinâmica social contemporânea. No entanto, diante da atual velocidade de processamento e transmissão de informações e, por conseguinte, de um panorama em que otimização, produtividade e originalidade são imperativos, o lar doce lar de DaMatta parece ter sido, substancialmente, alterado ou, mesmo, bombardeado.

O universo da casa, no qual o tempo não era histórico, mas cíclico – com durações não medidas por relógios, e sim por retratos amarelados na parede – hoje parece sofrer da mesma turbulência e, por vezes, da mesma intolerância e ansiedade que, um dia, caracterizaram, fundamentalmente, o "reino da confusão e berço do batente."

Hoje postamos imagens na internet esperando comentários, respondemos a mensagens pelo telefone celular, escrevemos respostas a dezenas de e-mails que recebemos, diariamente, em mais de uma conta de correio eletrônico. Em outras palavras, somos muito mais reativos a múltiplos impulsos do que reflexivos e, portanto, menos críticos e mais suscetíveis a doenças. Foi a partir desse quadro de vida acelerada ou "em desequilíbrio" (numa alusão ao filme *Koyaanisqatsi*, lançado em 1982, com produção e direção de Godfrey Reggio), que surgiu a ideia de trabalhar com o conceito de *andamento* na cidade.

Segundo definição do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (3ª edição), a palavra 'andamento' significa "modo de andar", "de se desenvolver", assim como "prosseguimento". No campo da música, é o grau de velocidade que se imprime à execução de um trecho musical, sendo, informalmente, identificado como *batida*. A proposta de projeto visa integrar essas definições, utilizando a exploração da faculdade auditiva como recurso de design multissensorial para a construção de um pensamento crítico a respeito da atual vida em descompasso.

Às definições de *andamento* se une a exploração das vozes, dos discursos proclamados por personagens de tempos e espaços distintos na história da humanidade, com o objetivo de chamar a atenção para a valorização da (re)aproximação e do (re)contato humanos.

Justificativa (motivação pessoal)

A proposta de projeto surgiu a partir de uma demanda interna, isto é, da vontade de fazer um trabalho crítico sobre a dinâmica da vida moderna (ou pós-moderna ou hipermoderna), na qual a reação a estímulos supera, cada vez mais, a reflexão e o pensamento crítico. Já a ideia de explorar o som e suas potencialidades para compor o questionamento do ritmo de vida acelerado adveio de um fascínio pessoal pelo campo musical, motivação para estudo e investigação.

Além disso, também foram importantes as reflexões e os estudos sobre o novo papel do design nos dias de hoje, motivados por pesquisas ao longo de minha formação nos cinco anos de Esdi e fortemente influenciados pela experiência de seis meses de intercâmbio de estudos na Universidade Tecnológica de Delft, na Holanda. De agosto de 2009 a fevereiro de 2010, em processo viabilizado por um acordo bilateral entre esta última e a Esdi, cursei disciplinas no Instituto de Design Industrial de Delft (Industrial Design Engineering faculty), passando por momentos que enriqueceram meus conhecimentos sobre o design e suas novas perspectivas projetuais.

Um desses momentos marcantes foi a oportuna participação num workshop em comemoração aos dez anos de existência da Sociedade de Design & Emoção³. Fundada em 1999 na própria cidade de Delft, a organização se configura como uma rede de pesquisadores, designers e companhias que compartilham interesse na abordagem do design emocional e exploram o desenvolvimento de projetos voltados à experiência, focados no usuário (ou participante, ou colaborador, ou fruidor). O workshop me proporcionou um melhor conhecimento dos princípios envolvidos na abordagem do

Design & Emoção, mediante o contato direto com alguns de seus idealizadores, além de ter representado o pontapé inicial dos meus estudos no exterior, uma vez que antecedeu o começo do semestre letivo em Delft.

Entre os teóricos do design que mais motivaram a formulação desta pesquisa, devo citar o professor da Universidade da Pensilvânia, Klaus Krippendorff. Revendo a trajetória do design a partir da era industrial, ele observa que o design centrado no objeto e seus aspectos objetivos passou a dar lugar a um design centrado no ser humano e em seu modo de ver, interpretar e conviver com o entorno. A seu modo de ver, os designers começaram a perceber que seus produtos não são apenas coisas, mas práticas sociais, símbolos e preferências, concluindo-se daí que reagimos menos às qualidades físicas das coisas do que ao que elas significam para nós (Damazio & Mont'Alvão, 2008).

Seguindo semelhante linha de raciocínio, o designer argentino Jorge Frascara – presidente entre os anos de 1985 e 1987 do Icograda (International Council of Graphic Design Associations), órgão que congrega associações de design gráfico de diversos países – afirma que

“Nós temos de parar de pensar no design como a construção de gráficos, produtos, serviços, sistemas e ambientes, e pensar nestes como meios para as pessoas agirem, realizarem seus desejos e satisfazerem suas necessidades. São as necessidades e os desejos a que devemos servir; os objetos de design precisam ser vistos apenas como meios. Isso requer um melhor entendimento de pessoas, de sociedade e de ecossistema, e pede uma prática interdisciplinar.”⁴

Relevância (motivação social)

Levando em consideração que a pesquisa científica engloba sempre uma instância coletiva de reflexão, o projeto **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO** pretende discutir o contexto social no qual novos produtos são projetados (ou “lançados à frente”). Na medida em que concebem novas ferramentas e as propagam mundo afora, designers acabam exercendo uma grande influência sobre o comportamento coletivo. Por isso, é fundamental que se estudem e compreendam as manifestações e fluxos sociais contemporâneos para que se tenha uma efetiva atitude consciente em relação ao que se produz.

Entendendo os dias atuais como células de um momento histórico por ele batizado de hipermodernidade, o pensador francês Gilles Lipovetsky nos auxilia na compreensão dessas manifestações sociais com valiosa análise estrutural:

“Uma das consequências mais perceptíveis do poder do regime presentista é o clima de pressão que ele faz pesar sobre a vida das organizações e das pessoas. Grande número de quadros funcionais menciona o ritmo frenético que domina a cadeia vital das empresas nesta época de concorrência globalizada e ditames financeiros. Sempre mais exigências de resultados a curto prazo, fazer mais no menor tempo possível, agir sem demora: a corrida da competição faz

priorizar o urgente à custa do importante, a ação imediata à custa da reflexão, o acessório à custa do essencial. Leva também a criar uma atmosfera de dramatização, de estresse permanente, assim como todo um conjunto de distúrbios psicossomáticos. Donde a ideia de que a hipermodernidade se distingue pela ideologização e pela generalização do reinado da urgência.”⁵

Objetivo da pesquisa

A pesquisa, de caráter exploratório, tem por objetivo produzir uma ferramenta que sirva de alerta ao cidadão contemporâneo, apontando caminhos e visões que, em última instância, contribuam para uma redução do metabolismo humano – no que se refere à compulsão e à intolerância – e para um aumento da qualidade de envolvimento entre as pessoas, visando um convívio social mais agradável. O projeto se configura, portanto, como um chamado à mudança de mentalidades e posturas numa era marcada pelo agigantamento do aparato técnico em termos de força e extensão, assim como pelo afastamento e desconexão humanos.

Natureza do projeto e estruturação do relatório

VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO é um projeto de cunho teórico-reflexivo, que se divide, basicamente, em duas partes: uma exploratória (fundamentação teórica) que articula ideias colhidas de livros, artigos, palestras e projetos acadêmicos; e uma ilustrativa (formalização projetual) sob o formato de DVD – que acompanha este relatório. O principal componente deste DVD é um vídeo narrativo que conjuga três elementos básicos: a) imagens capturadas na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2010; b) áudio proveniente de entrevistas e também extraído de documentários e websites; c) cenas roteirizadas por mim e interpretadas por dois colaboradores.

A seguir, apresentam-se comentários sobre os capítulos que constituem este relatório de projeto:

A técnica não é neutra (capítulo 1) discute a inserção do homem contemporâneo em um universo no qual todas as partes estão tecnicamente organizadas, em que a técnica não é mais objeto de escolha, e sim o próprio ambiente, deixando de ser meio para se tornar fim. Diante dessa realidade, há um apontamento no sentido de valorizar o contato humano e o tempo qualitativo.

Olhe em volta (capítulo 2) aborda as implicações da aceleração sobre o trabalho e o trato cotidiano, trazendo contribuições da neurociência que destacam o problema da atenção fragmentada, dispersiva, e da redução do espaço mental para reflexão diante da profusão de informações em fluxo.

Audição de compreensão (capítulo 3) recorre a um embasamento fisiológico do ouvir e trabalha o papel da audição no desenvolvimento embrionário humano. Há ainda uma sinalização do atual empobrecimento da maneira como as pessoas ouvem umas às outras (escassez do ouvir sensível).

Se não o mesmo idioma, a mesma linguagem (capítulo 4) expõe a proposta de trabalho com as vozes, ou com a reunião de discursos e falas que lidam com a importância da comunhão e da troca. Reunião esta que não se pauta na ideia de sucessão linear, mas na ideia de combinação e conjunção.

Seu trabalho está desqualificado (capítulo 5) discorre sobre os princípios da produção em massa, legitimada pelo sistema produtivo fordista nas primeiras décadas do século XX, e trata da perspectiva de desmaterialização do design, numa tentativa de expandir seus horizontes de consideração teórica.

Melhor do que o neutro (capítulo 6) conceitua a reação identificada como estresse e evidencia como o organismo humano busca a harmonia interior como um princípio. São citados também exemplos de projetos acadêmicos de pesquisa que ilustram a abordagem projetual de design centrado nas pessoas.

Convocamos a riqueza do mundo (capítulo 7) apresenta o resultado formal do projeto **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO**, decupando o processo de elaboração do vídeo narrativo que sintetiza os questionamentos propostos.

Finalmente, **Em um Segundo** (capítulo 8) reúne uma seleção de matérias publicadas no ano de 2010 na seção Segundo Caderno, do jornal O Globo, que serviram de inspiração e motivação para a realização deste projeto de conclusão de curso.

Notas:

1. Roberto DaMatta, *O que faz o brasil, Brasil?*, p. 29.
2. DaMatta, op. cit., p. 28.
3. Workshop *TEN! Ten years of Design & Emotion Society*, realizado em 28 de agosto de 2009 na cidade de Delft, Holanda.
4. "We have to stop thinking of design as the construction of graphics, products, services, systems and environments, and think about those as means for people to act, to realize their wishes and satisfy their needs. It is the needs and the wishes that we have to serve; the objects of design must be seen only as means. This requires a better understanding of people, of society, and of the ecosystem, and calls for an interdisciplinary practice."
Jorge Frascara, *Design and the social sciences: making connections*, p. 33.
5. Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles, *Os tempos hipermodernos*, p. 77.

1

A técnica não é neutra

- :: idade da técnica
- :: falsas inocências
- :: homem pré-tecnológico
- :: revisão da apropriação técnica
- :: reinterpretação
- :: tempo absoluto e tempo qualitativo

Diante dos inúmeros instrumentos e serviços tecnológicos que encurtam o tempo e o espaço, estamos todos convencidos de que vivemos na **idade da técnica**, usufruindo de seus benefícios em termos de bens e possibilidades de deslocamento. A respeito, o filósofo italiano Umberto Galimberti decreta com clareza e contundência que

"Somos mais livres do que os homens primitivos porque dispomos de mais campos de atuação. Os lamentos e as desafeições em relação ao nosso tempo têm algo de patético."¹

Refletindo sobre a configuração que o homem vai assumindo na idade da técnica, Galimberti entende que vivemos um momento novo, no qual a humanidade, tal como historicamente a conhecemos, faz a experiência da sua própria ultrapassagem. E chama a atenção para a necessidade de acabar com **falsas inocências**, como a fábula da técnica neutra:

"A técnica não é neutra, porque cria um mundo com determinadas características com as quais não podemos deixar de conviver e, vivendo com elas, contrair hábitos que nos transformam obrigatoriamente. De fato, não somos seres imaculados e estranhos que às vezes se servem da técnica e às vezes dela prescindem. Pelo fato de habitar um mundo em que todas as suas partes estão tecnicamente organizadas, a técnica não é mais objeto de uma escolha nossa, pois é nosso ambiente, onde fins e meios, escopos e idealizações, condutas, ações e paixões, inclusive sonhos e desejos, estão tecnicamente articulados e precisam da técnica para se expressar."²

Ainda que queiramos repousar, por alguns dias, na tranquilidade do campo, para chegarmos ao nosso paraíso usaremos um carro ou ônibus. Um laptop tratará de nos dar as informações sobre a previsão do tempo e o suco natural que nos refrescará, após uma caminhada, será pago por meio de uma pequena máquina de cartão de débito. Finalmente, utilizando o aparelho de telefone celular, comunicaremos a nossa volta aos familiares que, serenos, nos aguardarão em casa.

A inserção no universo da técnica acontece de maneira rápida e inevitável. Carregamos, porém, ainda dentro de nós, os traços do **homem pré-tecnológico**, que agia em vista de objetivos inscritos num horizonte de sentido, com ideias próprias e um conjunto de sentimentos nos quais se reconhecia (cenário humanista). Mas a técnica não tende a um objetivo, não promove um sentido, não abre cenários de salvação, não redime,

não desvende a verdade: ela, simplesmente, funciona. Dessa forma, a idade da técnica acaba por abolir esse cenário humanista (Galimberti, 2006). O pensador italiano conclui:

"(...) as demandas de sentido continuam desatendidas, não porque a técnica não esteja ainda bastante aperfeiçoada, mas porque não se enquadra em seu programa encontrar respostas para semelhantes demandas."³

Constatando o agigantamento do aparato técnico, em termos de força e extensão, e, admitindo que todos os objetivos e fins que alguém se proponha alcançar não podem ser atingidos a não ser pela mediação técnica, fica estabelecido um princípio para o presente trabalho: a desaceleração não significa um resgate do naturalismo, uma aclamação do estado selvagem do homem como descrita na filosofia rousseauiana ou uma negação dos instrumentos tecnológicos, mas uma **revisão da apropriação técnica** e uma **reinterpretação** do emprego de seus instrumentos.

Essa revisão e também essa reinterpretação têm como principal propósito chamar a atenção para a valorização do contato humano e do tempo qualitativo, diante de um panorama de desconexão e isolamento social provocado por um uso desmedido da tecnologia.

O filósofo e professor francês Michel Lacroix reflete de forma oportuna e provocativa sobre esse quadro vivido nos dias atuais:

"Não há uma paisagem, uma cidade, uma obra-prima do cinema, um trecho musical, um museu, um quadro, uma espécie animal que não nos sejam instantaneamente acessíveis. Nenhuma outra época se beneficiou de tamanha colocação do mundo a seu dispor. Com um clique do mouse, um comando para baixar dados da rede, convocamos a riqueza do mundo. Mas esse poder sem limites tem seu avesso. (...) Ao eliminarmos as incertezas do encontro e o inesperado da surpresa, ao suprimirmos os obstáculos e as demoras do deslocamento físico, porventura não suprimimos também o deslumbramento? O escaneamento é inimigo da contemplação."⁴

Na Antiguidade, os gregos faziam uma distinção entre *chronos* – **tempo absoluto**: linear, cronológico, quantitativo – e *kairos* – **tempo qualitativo**: tempo de oportunidade e contemplação (Thackara, 2005). Uma interpretação contemporânea leva a uma associação de *chronos* ao tempo da indústria, do mercado, à própria noção de prazo, e de *kairos* ao tempo próprio de cada um, tempo humano, de reflexão.

Fica evidente, portanto, que este trabalho se propõe a levantar a discussão sobre a importância do enfoque no sentido humano, nas demandas de sentido que permanecem desatendidas, como sinaliza Galimberti. Dessa forma, a contribuição da teórica política alemã Hannah Arendt, ao discorrer sobre a condição humana, se torna crucial:

"O mundo não é humano só por ser feito de seres humanos, nem se torna assim somente porque a voz humana nele ressoa, mas apenas quando se transforma

em objeto de discurso. (...) Nós humanizamos o que se passa no mundo e em nós mesmos apenas falando sobre isso, e no curso desse ato, aprendemos a ser humanos.

Esse humanitarismo a que se chega no discurso da amizade era chamado pelos gregos de filantropia, o 'amor do homem', já que se manifesta na presteza em compartilhar o mundo com outros homens."⁵

Décadas separam as publicações das ideias de Arendt (1958) das de Lacroix (2001) e Galimberti (2000). Contudo, a tônica das discussões permanece inalterada. É preciso reinterpretar. É necessário trazer à tona as reticências deixadas por diversos pensadores ao longo de seus caminhos.

Notas:

1. Umberto Galimberti, *Psiche e Techne: o homem na idade da técnica*, p. 7.
2. Galimberti, op. cit., p. 8.
3. Galimberti, op. cit., p. 8.
4. Michel Lacroix, *O culto da emoção*, pp. 171-2.
5. Hannah Arendt, em fala citada por Zygmunt Bauman em seu livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, p. 177.

2

Olhe em volta

- :: aceleração
- :: imposição técnica
- :: tomada de consciência
- :: lapsos de processamento
- :: atenção reduzida
- :: imediatismo
- :: hino do desencontro

Uma das definições da palavra 'aceleração' no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (3ª edição) traz as noções de *pressa* e *precipitação*. Em nosso estágio tecnológico, a **aceleração**, além de sua relação com a variável tempo, assume o sentido de *imposição*: imposição da última tecnologia como caminho único a seguir. Afinal, quando se vende uma novidade tecnológica sempre se parte do princípio de que a ferramenta trazida ao público tem um caráter de evolução, de progresso, em detrimento de soluções anteriores, rapidamente relegadas à condição de obsoletas e descartáveis.

Devido à rapidez com que novas ferramentas tecnológicas são introduzidas no cotidiano e ao fato de que a **imposição técnica** se dá de maneira curiosamente natural, sendo imediatamente incorporada à rotina, a reflexão e a tomada de consciência sobre a dinâmica desse processo quase inexistem. Como frisado anteriormente, a reação aos múltiplos impulsos diários supera a postura crítica, uma vez que só é possível perceber a imposição caso haja uma pausa para pensar sobre o fenômeno, sobre o sentido que este tem para cada um enquanto cidadão. A própria lógica do consumismo se vale da mínima reflexão possível para seu sucesso. A **tomada de consciência** é, assim, fundamental para que o indivíduo possa fazer escolhas que sejam efetivas.

A profusão de informações em fluxo faz com que muitos se preocupem com uma possível sobrecarga do cérebro. Iván Izquierdo, pesquisador do Centro de Memória do Instituto de Pesquisas Biomédicas da PUC-RS e especialista em compreensão da base celular do armazenamento e evocação da memória, acredita que ainda estejamos longe de atingir o limite de fadiga mental ou de capacidade de adaptação do cérebro ao bombardeamento de informações.

Efetivamente, o cérebro é um órgão multitarefa e superpotente. O grande problema é que, devido à sua capacidade de autorregulação, embora não esteja teoricamente cansado, o cérebro passa, simplesmente, a não processar determinadas informações quando em meio a acelerados estímulos, como observado por Roberto Lent, professor da UFRJ e diretor do Instituto de Ciências Biomédicas.

Dessa forma, diante de **lapsos de processamento**, fica evidente que a atenção é comprometida. E a atenção é a base essencial: tudo sobre o que se tem consciência, o que se deixa armazenado, o que se pode lembrar e esquecer, valorizar e desgostar, depende dela. Em processo autocrítico, Sidarta Ribeiro, professor de neurociências da UFRN, observa uma **atenção reduzida**:

"Recebo diariamente mais de 50 mensagens, podendo chegar a cem. Não tenho como responder a todos e, para escrever a maior parte dos e-mails, preciso ser extremamente pragmático, com a atenção reduzida. O espaço mental para a reflexão diminui consideravelmente."¹

Em sua coluna intitulada "O ludita", Tony Long, editor-chefe do Wired News (portal de notícias on-line da Wired, revista sobre tecnologia e informática), refletiu sobre as implicações da aceleração no trabalho e fez um apelo às novas gerações. Os dois trechos a seguir foram traduzidos e adaptados de dois de seus artigos publicados no portal.

"Só porque a tecnologia nos permite trabalhar dez vezes mais rápido do que antes não significa que temos que fazê-lo. Olhe em volta. A humanidade coletiva está morrendo um pouco a cada dia. A tecnologia está matando a vida nas ruas. Salas de bate-papo, mensagens de texto e Messenger são tecnicamente formas de comunicação. Mas quando eles substituem conversas de vizinhos ou entre amigos, o contato humano significativo se perde. Facilidade de uso é recompensa pequena.

...

Sou um ludita² que, bem ou mal, usa a tecnologia (não sou amish, pelo amor de Deus). O que estarei fazendo aqui nesta coluna é pedir para que vocês, tecnófilos, desacelerem um pouco, relaxem. Então, dê uma pausa. Vá tomar um pouco de sol."³

Nessa mesma linha semântica, o professor de psicologia e pesquisador norte-americano Michael Nichols discorre sobre o afastamento e a dispersão humanos e sua relação com os aparelhos eletrônicos, as caixinhas de última tecnologia:

"No limitado tempo que ainda preservamos para família e amigos, as conversas são frequentemente preteridas por distrações passivas. Demasiadamente cansados para falar e ouvir, nos entregamos aos calmantes encantos de aparelhos eletrônicos que projetam figuras, tocam música, ou piscam por meio de telas. Foi essa maneira de viver que nos fez esquecer como ouvir? Talvez. Mas talvez a moderna abordagem à vida seja o efeito e não a causa."⁴

Reunidos no movimento denominado Slow Life (que apresenta diversas vertentes, como Slow Planet, Slow Food, Slow Cities), pesquisadores de todas as partes do mundo discutem e criticam o **imediatismo** advindo da imposição tecnológica:

"Fast food, redes rápidas de informação, fluxos globais de bens e serviços (...) A vida cotidiana se tornou uma cacofonia de experiências que desrespeitam nossos sentidos, nos desconectam uns dos outros e prejudicam o meio-ambiente. Porém, experiências de verdade – relacionamentos significativos com pessoas, lugares e coisas – requerem diferentes velocidades de envolvimento. *Slowness* não se refere a quanto tempo se leva para fazer

alguma coisa, mas sim à atenção no processo de criação, à qualidade do resultado e à riqueza da experiência."⁵

Atenção ao processo criativo, à qualidade do resultado: proposições valiosas, mas que, curiosamente, se configuram mais como resgate do que como novidade. Uma das evidências disso é a frase extraída do livro *A afinação do mundo*, publicado originalmente em 1977 pelo compositor e professor canadense R. Murray Schafer, reproduzida abaixo:

"Perguntaram certa vez a Henri Bergson como iríamos saber se algum agente dobrasse subitamente a velocidade de todos os eventos do universo. Simplesmente, respondeu ele, iríamos discernir uma grande perda na riqueza da experiência. No tempo de Bergson, isso já estava acontecendo, pois à medida que os sons separados cediam espaço às linhas contínuas, o barulho da máquina tornava-se um 'narcótico para o cérebro' e aumentava a apatia da vida moderna."⁶

O veterano sambista Élton Medeiros, em delicioso trecho dos bastidores de produção do DVD Paulinho da Viola Acústico MTV (2007), nos deixa mais uma evidência, mais uma voz para o afinado coro:

" — O Paulinho faz... ele demora, mas a qualidade do trabalho dele é que é importante (...). Já eu sou um afobado."

E Paulinho arremata:

" — No último samba que nós fizemos, ele me mandou uma fita... ou CD, não me lembro. E mandou um bilhete junto, que eu tenho guardado em algum lugar. Ele sabe que eu demoro... e ele já estava em processo de gravação, então mandou um bilhete escrito... 'se você for homem, põe uma letra nessa música' (risos)."⁷

A beleza das obras do cantor, compositor e marceneiro Paulinho da Viola, mostra sua capacidade de, como poucos, observar as sutilezas do cotidiano brasileiro. Em 1969, a TV Record exibiu o V Festival de Música Popular Brasileira. Entre as músicas inscritas, estavam "Clarice", defendida por Agnaldo Rayol, "Comunicação", cantada por Vanusa, e "Primavera", de Isaurinha Garcia. Mas a música da noite não foi nenhuma dessas: nem samba, nem bossa. Foi uma música experimental e diferente de todas as outras, cantadas por um sujeito tímido, com um violão nos braços e sentado num banquinho. "Sinal Fechado" encantou os juízes e levou o prêmio de primeiro lugar do festival. Sobre a composição, está reproduzida abaixo passagem extraída do website de Paulinho da Viola:

"Muitos pensam que a letra dessa música é um retrato da vida urbana na época da ditadura militar brasileira, que no ano anterior tinha realizado o seu pior evento até então, ao suprimir os direitos constitucionais do cidadão através do AI-5. A ditadura acabou há tempos e um novo olhar nos mostra que esta obra não foi superada na forma, no conteúdo, na experiência estética e na

abrangência de sua letra. 'Sinal Fechado' faz mais sentido hoje do que quando foi composta. A estética fria e tensa não nos é mais tão estranha. É o hino do desencontro, do mundo contemporâneo, das cidades movimentadas, dos sinais fechados sempre presentes que nos forçam a observar as pessoas por dentro dos carros, da vida urbana, da necessidade de se buscar um lugar no futuro. 'Sinal Fechado' já buscava seu lugar no futuro quando foi composta e certamente conseguiu."⁸

Hino do desencontro. Aceleração, compulsão, desconexão, fragmentação, exaustão: nada mais justo do que encerrar este capítulo com a transcrição da letra de "Sinal Fechado".

"Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem, eu vou indo, correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe?
Quanto tempo...
Pois é, quanto tempo...
(pausa)
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios...
Oh, não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo,
Talvez nos vejamos, quem sabe?
Quanto tempo...
Pois é, quanto tempo...

Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso beber
Alguma coisa rapidamente
Pra semana...
O sinal...
Eu procuro você...
Vai abrir! Vai abrir!
Prometo, não esqueço
Por favor, não esqueça
Não esqueço, não esqueço
Adeus..."⁹

Notas:

1. Sidarta Ribeiro, em artigo intitulado "Cérebro está preparado para a sobrecarga". Caderno Ciência, Jornal O Globo, 17/08/2010.
2. Luddita (do inglês *luddite*) "s.2g. 1. Membro de grupo de operários ingleses que, no século XIX, destruíram máquinas industriais, temendo o desemprego. 2. Indivíduo que se opõe à industrialização intensa ou a novas tecnologias." Definições presentes no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (3ª edição).
3. Tony Long. "Eat, sleep, consume, die", publicado em 10/11/2005, e "Dark underbelly of technology", publicado em 13/10/2005, ambos em www.wired.com.
4. "In the limited time we still preserve for family and friends, conversation is often preempted by soothing and passive distractions. Too tired to talk and listen, we settle instead for the lulling charms of electronic devices that project pictures, make music, or bleep across display screens. Is this the way of life that's made us forget how to listen? Perhaps. But maybe the modern approach to life is the effect rather than the cause."
Michael Nichols, *The lost art of listening*, p. 2.
5. Ideias do projeto Slowlab, retirado do website www.slowlab.net, em 10/11/2006.
6. R. Murray Schafer, *A afinação do mundo*, p. 118.
7. Trecho retirado da seção Making of, DVD Paulinho da Viola Acústico MTV (2007), dirigido por Sérgio Bittencourt.
8. Passagem retirada do website <http://www.paulinhodaviola.com.br/portugues>, acessado em 21/08/2010.
9. Letra retirada do website <http://www.paulinhodaviola.com.br/portugues/discografia>, acessado em 21/08/2010.

3

Audição de compreensão

- :: mecanismos da audição
- :: energia sonora
- :: desenvolvimento embrionário
- :: memória auditiva
- :: urgência em falar
- :: processo comunicativo interrompido

É pelo sentido de audição que o corpo reage à vibração sonora, conseguindo identificar sons simples como bipes e toques de aparelhos eletrônicos, e outros complexos como fala e música. A audição também proporciona a percepção e a compreensão da fala, que formam a base de nossa capacidade de nos comunicar uns com os outros (Hekkert & Schifferstein, 2008). Comunicação que Frascara acredita ser um processo de parceria, de negociação:

“O processo de comunicação deve ser visto como um processo de negociação, no qual a posição do produtor da mensagem e aquela de seu intérprete entram em contato, buscando um terreno comum.”¹

Segundo este autor, na comunicação ética, a terminologia tomada por empréstimo da eletrônica e da ciência da informação – que define os polos da cadeia de comunicação como *emissor* e *receptor* – é insustentável. É mais adequado falar em *produtores* e *intérpretes*, termos que abrem espaço para o contexto, a história, as expectativas, as prioridades e os valores das pessoas que estão se comunicando.

Base do processo comunicativo, a fala nos remete à contribuição fisiológica sobre os **mecanismos da audição**, a seguir, descritos.

A orelha humana divide-se em três partes: orelha externa, orelha média e orelha interna (figura abaixo). A externa capta a **energia sonora** e a encaminha à média por meio do tímpano. A energia sonora é, então, convertida em vibrações mecânicas de pequenos ossos na orelha média. Essas vibrações são transmitidas à orelha interna (cóclea), repleta de fluido em seu interior. A membrana na cóclea recebe a vibração do fluido e a converte em impulsos neurais. Esses impulsos são transmitidos ao cérebro através do nervo auditivo (Moore, 2003).

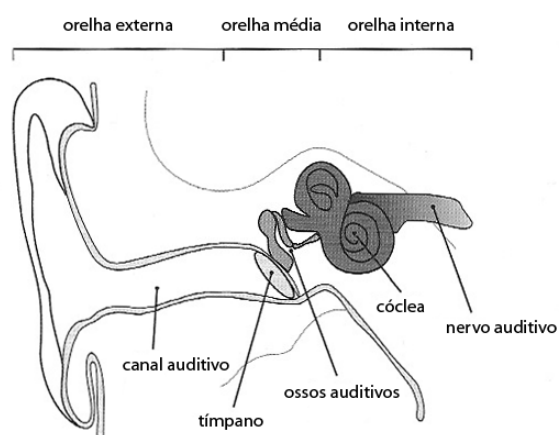


Ilustração da estrutura da orelha humana.

(adaptação a partir de figura encontrada na página 177 do livro *Product Experience*, dos autores Paul Hekkert e Hendrik Schifferstein)

Durante o **desenvolvimento embrionário**, o primeiro órgão que se forma, em termos de estrutura, é a orelha. Toda a formação do organismo humano se inicia com ela. De acordo com os pesquisadores norte-americanos Jerry Northern e Marion Downs (1989), as demarcações iniciais da orelha no embrião humano aparecem por volta da terceira semana de gestação. E a partir do quinto mês de desenvolvimento embrionário, o feto já é capaz não somente de ouvir, mas de registrar os sons percebidos na forma de **memória auditiva**.

Portanto, ao nascer, a criança já carrega consigo pelo menos quatro meses dessa memória auditiva. Toda a sua vida intrauterina é armazenada em sua memória na forma de sons. Interessante constatar que, no momento em que recebemos nosso primeiro estímulo visual – ao abrirmos os olhos em nosso nascimento – todo um repertório sonoro já foi elaborado, nosso contato com o mundo exterior já foi sendo feito por meio da audição desde os cinco meses de formação embrionária.

Recém-nascida, a criança apresenta audição do tipo reflexa. Em seguida, inicia-se o processo de aprendizagem a partir do qual novas respostas a estímulo sonoros vão sendo desenvolvidas e as respostas puramente reflexas inibidas. É assim que a audição puramente reflexa no nascimento passa a adquirir uma forma cada vez mais complexa e sofisticada, transformando-se em uma audição denominada pelo pesquisador britânico Dennis Fry (1971) de "audição de compreensão".

Audição de compreensão: tão biologicamente natural como etapa do desenvolvimento humano, mas tão desaprendida com o passar do tempo. Talvez mais uma experiência deixada no território da reticência.

De acordo com Michael Nichols, as pressões contemporâneas lamentavelmente fragmentam nossa atenção e empobrecem a maneira de as pessoas ouvirem umas às outras:

"Vivemos em tempos corridos, em que o jantar é algo que lançamos no forno de micro-ondas e estar atualizado com os últimos livros e filmes significa ler os comentários críticos. Isso é tudo para o que temos tempo. Correndo para e de nossos muitos compromissos, nós nos fechamos para o mundo exterior com fones de ouvido, exercendo rigoroso controle sobre aquilo que podemos fazer."²

Algumas pessoas não costumam ser boas ouvintes porque não conseguem colocar de lado, por um tempo, suas próprias ideias; porque não abrem mão de suas necessidades; porque têm sempre **urgência em falar**; porque são reativas, ou porque aquilo que o outro diz não lhes agrada. A consequência é que, geralmente, não ouvem o que a outra parte pensa e, então, o **processo comunicativo é interrompido**. Neste caso, ambos podem se sentir incompreendidos (Nichols, 1995).

Para Godfrey Barrett-Lennard, professor da Universidade de Murdoch (Austrália), o ouvir é sempre seletivo e incompleto em relação aos significados potencialmente existentes na expressão daquele que fala. Duas razões são apresentadas pelo autor: a) ouvintes diferentes escutam mensagens e significados diferentes quando confrontados com a expressão total e, como consequência, a mensagem enviada

pode não ser a mesma recebida; b) no processo de escuta, entram em jogo os interesses pessoais de quem está ouvindo como também os seus medos e conflitos, que limitam a capacidade de ouvir. O autor acrescenta ainda que, possivelmente, uma das maiores dificuldades no convívio entre as pessoas está relacionada à maneira como se ouve e como se é ouvido (Barrett-Lennard, 1988).

Notas:

1. "The process of communication should be seen as a process of negotiation where the position of the originator of the information and that of the interpreter enter in contact searching for a common terrain."

Jorge Frascara, *Design and the social sciences: making connections*, p. 34.

2. "We live in hurried times, when dinner is something we zap in the microwave and keeping up with the latest books and movies means reading the reviews. That's all we've got time for. Running to and from our many obligations, we close ourselves off from the world around us with headphones, exercising strict control over what we allow in."

Michael Nichols, *The lost art of listening*, p. 2.

4

Se não o mesmo idioma, a mesma linguagem

- :: acúmulo de informações
- :: comunicação dialógica e discursiva
- :: reunião de discursos
- :: composição sonora
- :: propagação
- :: necessidade do pensamento complexo

Escrevendo sobre o que imaginava ser o futuro das artes, o poeta mexicano Octavio Paz sinalizava, ainda no início da década de 1970, que

"A relação com a ideia de tempo retilíneo começa a mudar (...) Passado, presente e futuro deixaram de ser valores em si; tampouco há uma cidade, uma região ou um espaço privilegiado. (...) Todos falamos simultaneamente, se não o mesmo idioma, a mesma linguagem. Os distintos tempos e os distintos espaços se combinam em um agora e um aqui que está em todas as partes e sucede a qualquer hora. À visão diacrônica da arte se superpõe uma visão sincrônica. (...) As obras do tempo que nasce não estarão regidas pela ideia de sucessão linear e sim pela ideia de combinação: conjunção, dispersão e reunião de linguagens, espaços e tempos. A festa e a contemplação. Arte da conjugação."¹

Certamente, uma das coisas mais fascinantes na atividade de estudo e na busca por caminhos diversos do conhecimento humano é a possibilidade do acesso às ideias e visões de mundo de pensadores de distintos tempos e distintos espaços. Manuseando livros (ou, cada vez mais, deslizando os dedos sobre telas multitoque), acessamos conteúdos que atravessam o tempo e o espaço e nos alimentam, servindo de matéria-prima para nossas interpretações e formulações próprias.

Entendendo a teoria da comunicação como uma disciplina interpretativa, o filósofo e fotógrafo tcheco, naturalizado brasileiro, Vilém Flusser, falava sobre o **acúmulo de informações** como um propósito humano:

"Pode-se afirmar que a transmissão de informações adquiridas de geração em geração seja um aspecto essencial da comunicação humana, e é isso sobretudo que caracteriza o homem: ele é um animal que encontrou truques para acumular informações adquiridas. (...) E assim o acúmulo de informações se manifestará não como um processo estatisticamente improvável, embora possível, mas como um propósito humano. E também não se manifestará como uma consequência do acaso e da necessidade, mas da liberdade."²

Discorrendo sobre as intercomplementares formas de **comunicação dialógica e discursiva**, ele acrescentava ainda que

"A conhecida queixa de que 'não se pode mais comunicar' é um bom exemplo. O que as pessoas pensam certamente não é que sofram de falta de comunicação. Nunca antes na história a comunicação foi tão boa e funcionou de forma tão extensiva e intensiva como hoje. O que as pessoas

pensam é na dificuldade de produzir diálogos efetivos, isto é, de trocar informações com o objetivo de adquirir novas informações. E essa dificuldade deve ser conduzida diretamente ao funcionamento hoje em dia tão perfeito da comunicação, a saber, deve ser dirigida para a onipresença dos discursos predominantes, que tornam todo diálogo impossível e ao mesmo tempo desnecessário."³

Um recurso para valorizar a condição humana na idade da técnica seria a **reunião de discursos** e falas que abordam essa própria temática, que lidam com a importância da comunhão, da sociabilidade, da troca. Dessa forma, explorar a **composição sonora** de falas representativas de diferentes campos de estudo e tempos distintos foi um dos exercícios praticados durante o desenvolvimento do projeto. Trabalhados em consonância, ideias e princípios provenientes de áreas como economia, psicologia, música e ciências sociais, além de depoimentos de vivência cotidiana, configuram um rico questionamento da dinâmica social contemporânea.

A proposta de reunião de vozes remete, diretamente, à interpretação do próprio conceito de som. Entendido como uma vibração de corpos elásticos que movimenta moléculas no ar e produz ondas sonoras, o som carrega em si a noção de **propagação**. O que se mostra muito pertinente ao propósito do presente trabalho, qual seja: a propagação de ideias críticas, de variadas leituras sociais, que se pode relacionar, analogamente, à propagação de moléculas no ar.

A conjugação dessas leituras revela uma tentativa de compreender os fenômenos sociais sob uma perspectiva mais ampla e abrangente. Algo que se alinha ao que o filósofo e pesquisador francês Edgar Morin entende como a **necessidade do pensamento complexo**:

"É verdade, a ambição do pensamento complexo é dar conta das articulações entre os campos disciplinares que são desmembrados pelo pensamento disjuntivo (um dos principais aspectos do pensamento simplificador); este isola o que separa e oculta tudo o que religa, interage, interfere. Neste sentido, o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional. (...) O pensamento complexo também é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento."⁴

Para o autor, o diálogo com o real faz mais sentido do que a tentativa de controlá-lo. E é justamente esse diálogo que constitui o desafio da complexidade:

"Será preciso, enfim, ver se há um modo de pensar, ou um método capaz de responder ao desafio da complexidade. Não se trata de retomar a ambição do pensamento simples que é a de controlar e dominar o real. Trata-se de exercer um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar."⁵

Notas:

1. Octavio Paz, *Signos em rotação*, pp. 136-7.
2. Vilém Flusser, *O mundo codificado*, pp. 93-4.
3. Flusser, op. cit., p. 98.
4. Edgar Morin, *Introdução ao pensamento complexo*, pp. 6 e 7.
5. Morin, op. cit., p. 6.

5

Seu trabalho está desqualificado

- :: fordismo
- :: produção em massa
- :: reformulação de padrões produtivos
- :: desmaterialização do design
- :: design para debate

"A expressão produção em massa é usada para designar o método moderno pelo qual são fabricadas grandes quantidades de uma única mercadoria padronizada. (...) A produção em massa é a concentração, num mesmo projeto de fabricação, dos princípios de energia, precisão, economia, sistema, continuidade e rapidez. (...) A produção em massa se inicia, portanto, com a percepção de uma necessidade pública, de que o público pode ainda não ter consciência, e avança segundo o princípio de que a conveniência de uso pode ser combinada com a conveniência de preço. (...)

Até o momento, as mercadorias que contribuem para a vida civilizada foram desfrutadas apenas por uma pequena fração dos habitantes do mundo. A experiência da Ford Motor Co. mostrou que a produção em massa precede o consumo em massa e o torna possível, ao reduzir os custos e permitir assim maior conveniência tanto de uso como de preço. Quando a produção é aumentada, os custos podem ser reduzidos. Quando a produção é aumentada em 500%, os custos podem ser reduzidos em 50%, e essa redução no custo, com a redução no preço de venda que a acompanha, irá provavelmente multiplicar por dez o número de pessoas que podem confortavelmente comprar o produto. Este é um exemplo conservador da produção desempenhando o papel de causa de demanda, em vez de efeito..."¹

Publicadas em artigo que data de 1926, as palavras didáticas do empresário norte-americano Henry Ford revelam a necessidade de apresentação e legitimação dos princípios do **fordismo**, sistema de produção que, poucos anos antes, em 1914, revolucionara a indústria automobilística com a introdução da primeira linha de montagem automatizada.

A expressão '**produção em massa**', que hoje nos parece tão natural, afetou as pessoas no tempo de Ford, para quem o próprio termo se mostrava insatisfatório sob vários aspectos. Entre eles, porque produção em massa não era, meramente, produção em quantidade, nem se reduzia à produção por meio de máquinas (Fadiman, 2004). O empresário rebateu os críticos que viam em seu sistema produtivo a manifestação mais clara da monotonia de trabalho repetitivo, o que levou Ford a afirmar que a monotonia existia "menos nas fábricas do que na mente dos teóricos e reformadores livrescos".

Efetivamente, o sistema de produção idealizado por Ford trouxe benefícios inquestionáveis à economia norte-americana, impulsionando o desenvolvimento de setores como o de combustíveis, o têxtil e a siderurgia. Além disso, a própria

construção de rodovias permitiu maiores alternativas de locomoção para a população e propiciou o surgimento de polos comerciais ao longo de sua extensão, caracterizando o chamado ciclo de prosperidade que marcou as douradas décadas de 1950 e 1960 (Maia, 2002).

Atualmente, no entanto, a compulsiva lógica de aumento produtivo desenfreado e multiplicação de consumidores em potencial parece não condizer com a real e imperativa necessidade de **reformulação de padrões produtivos**, tendo em vista, entre outros fatores, o alarmante quadro de aquecimento global. Nesse sentido, a prática, o discurso e o papel social do design entram em questão. Ao elaborarem produtos para as pessoas e colocá-los no mundo, designers produzem um grande impacto sobre o comportamento, o meio-ambiente e o bem-estar social.

Sob essa perspectiva (i)material, o professor e designer Pedro Luiz Pereira de Souza, observando a profusão e saturação de artefatos industriais e construções arquitetônicas nas grandes cidades, acredita que talvez seja o momento de se começar a retirar objetos do ambiente em vez de introduzir novos.

Essa possibilidade de um encaminhamento rumo à **desmaterialização do design** é compartilhada por alguns designers e pesquisadores ao redor do mundo. Jorge Frascara fala em repensar a obsessão com produtos e materiais:

"(...) como designers nós desistimos de nossa exclusiva obsessão com produtos, materiais e processos de produção, e nos tornamos mais preocupados com os contextos nos quais objetos e comunicações são usados pelas pessoas, e com as consequências que a existência dessas criações de design têm sobre as pessoas em geral. Nós mudamos, por exemplo, do design da estação de trabalho para o design do trabalho. (...) Nós mudamos do design de instrumentos que auxiliam o ensino para o design de situações de ensino."²

A italiana Paola Antonelli, curadora do Departamento de Arquitetura e Design do MoMA (Museu de Arte Moderna, Nova Iorque) acredita na elaboração de cenários e no **design para debate**:

"Eu vejo designers elaborando não mais objetos em si, em certos casos sim, mas também cenários que são baseados em objetos e que ajudarão as pessoas a entenderem as consequências de suas escolhas. Pessoas como (Anthony) Dunne e (Fiona) Raby fazem exatamente isso; eles chamam de design para debate."³

Em palestra realizada na Esdi em agosto de 2010, o economista e ambientalista Sérgio Besserman, exemplifica, de forma contundente e com senso de humor muito particular, uma materialização equivocada, ao falar do aeroporto Santos Dumont:

"O Santos Dumont é uma piada literal. O cara constrói uma estufa, uma ideia genial de design ligada à iluminação natural, provavelmente deve ter sido isso, mas o cara constrói uma estufa literal: entra radiação infravermelha, não sai toda a radiação que seria refletida, fica 'quentão' lá dentro. Solução? Ar-condicionado 'bombando' 24 horas por dia. O que isso significa nos dias

de hoje? Lata de lixo. Esse é o risco dos empresários, dos economistas, de todos nós: lata de lixo, não tem defesa, não tem o que discutir. Seu trabalho está desqualificado, merece nota zero, você fez um atentado. Na era da mudança climática, numa cidade cuja marca está ligada à sustentabilidade, o cara constrói no aeroporto do Rio de Janeiro uma piada do ponto de vista do aquecimento global.”⁴

As falas reproduzidas acima traduzem um movimento no sentido de transformar o pensamento do design e expandir seus horizontes de consideração teórica. Esse movimento de reformulação de princípios e reavaliação da prática profissional em design conecta a atividade com suas implicações sociais e culturais.

Infelizmente, as discussões dos papéis futuro e presente do design, decorrentes de novas formulações teóricas perdem força, na maioria das vezes, frente ao imediatismo da lógica de mercado. É o que constata o professor Gui Bonsiepe, teórico e crítico do design:

“Na cultura universal do mercado só se leva a sério o que tem um preço como mercadoria. Tudo o que se oferece sem etiqueta de preço é classificado como irrelevante, hobby inócuo, inocente, lazer intelectual. Isso acontece com a teoria. Ela é produzida a uma tarifa zero, sobretudo no meio acadêmico, no qual existe – ainda – ocasionalmente um espaço intersticial para empreendimentos teóricos – quase um luxo que é difícil, embora não impossível, compatibilizar com as contingências da prática profissional. (...) Assim como a poesia, as reflexões teóricas do design não influem no crescimento ou na diminuição do PIB. De acordo com critérios puramente pragmáticos a teoria não tem relevância, e é desse jeito que é tratada e comercializada.”⁵

Finalmente, o historiador de design Rafael Cardoso estende a discussão ao campo de ensino do design, apontando a necessidade de se refletir sobre o próprio trabalho:

“O designer precisa entender melhor aquilo que faz, por quê o faz, quais são as opções para fazer diferentemente. Em suma, o designer precisa adquirir uma maior reflexividade com relação ao seu trabalho. Essa insistência na parte conceitual do processo é especialmente relevante no Brasil, onde o ensino do design tem sofrido historicamente de um tom muito forte de antiintelectualismo. A resistência que ainda hoje se vê em muitos cursos a qualquer tipo de enfoque teórico ou acadêmico é extremamente prejudicial à evolução futura do design em um mundo cada vez mais norteados por rápidas e sutis transformações de ordem conceitual.”⁶

Notas:

1. Henry Ford, no artigo "Produção em massa", contido no livro *O tesouro da Enciclopédia Britânica – o melhor do pensamento humano desde 1768*, organizado por Clifton Fadiman, pp. 92-3.
2. "(...) as designers we have given up our exclusive obsession with products, materials and manufacturing processes, and have become more concerned with contexts in which objects and communications are used by people, and with the consequences that the existence of those design creations have on people in general. We have moved, for instance, from the design of work stations to the design of work. (...) We have moved from the design of teaching aids to the design of teaching situations."
Jorge Frascara, *Design and the social sciences: making connections*, p. 38.
3. "I see designers designing not anymore objects per se, in some cases yes, but also scenarios that are based on objects that will help people understand the consequences of their choices. And people like (Anthony) Dunne and (Fiona) Raby do that, exactly; they call it design for debate."
Paola Antonelli, em fala retirada do documentário *Objectified* (2009), dirigido por Gary Hustwit.
4. Sérgio Besserman, em palestra proferida na Esdi, em 19/08/2010.
5. Gui Bonsiepe, *Design: do material ao digital*, p. 180.
6. Rafael Cardoso, no artigo "Design: objetivos e perspectivas", contido em livro homônimo, organizado por Guilherme Cunha Lima, p. 95.

6

Melhor do que o neutro

- :: modelo quadrifásico do estresse
- :: quebra da homeostase
- :: busca pelo reequilíbrio
- :: bem-estar
- :: mapeamento de contexto

A interpretação de um panorama contemporâneo marcado por um quadro de desequilíbrio e intolerância social conduz, diretamente, ao próprio conceito de estresse. Tomou-se como parâmetro a definição dada por Marilda Lipp, professora e pesquisadora da Psicologia Clínica e diretora do Centro Psicológico de Controle do Estresse:

"O estresse é uma reação psicofisiológica muito complexa que tem em sua gênese a necessidade do organismo fazer face a algo que ameace sua homeostase interna (equilíbrio)."¹

No **modelo quadrifásico do estresse** elaborado por ela (Lipp, 2003), as duas primeiras fases se destacam como importantes contribuições para a fundamentação teórica deste projeto, quais sejam: fase de alerta e fase de resistência (que, no modelo, são complementadas por fase de quase-exaustão e fase de exaustão).

A primeira fase desperta a atenção pela aplicação do termo 'alerta' – justamente o que havia sido definido como um dos objetivos da presente pesquisa, com o desenvolvimento de uma ferramenta de alerta ao cidadão contemporâneo, um chamado à reflexão.

Neste estágio inicial, existe sempre uma **quebra da homeostase**, pois o esforço despendido pelo organismo não visa à manutenção da harmonia interior, mas ao enfrentamento de uma situação desafiadora. Na subsequente fase de resistência, há uma **busca pelo reequilíbrio**, o que demanda uma grande utilização de energia, gerando sensação de desgaste generalizado e cansaço. Se o fator de estresse é contínuo e a pessoa não possui estratégias para lidar com o estresse, o organismo exaure sua reserva de energia adaptativa e a fase de exaustão se manifesta (Lipp, 2003).

Enfrentamento de situação desafiadora e busca pelo reequilíbrio: a contribuição da psicologia se mostra significativa para se entender que, naturalmente, o organismo busca a harmonia interior como princípio. O neurocientista português António Damásio trilha o mesmo caminho ao trabalhar sua perspectiva do ser humano.

Em explicações sobre a razão de evocar Espinosa em seus estudos, Damásio conta que o filósofo holandês defendia a ideia de que os organismos nasciam com a capacidade de regular a vida e sobreviver, tendendo a atingir, de um modo natural, uma maior perfeição das suas funções. Perfeição esta que Espinosa considerava

sinônimo de alegria. Em outras palavras, para o filósofo, o ser humano teria sido programado biologicamente para buscar a felicidade e o **bem-estar** (Damásio, 2004).

O próprio Damásio reforça esse pensamento ao explicar a natureza biológica humana. Segundo o autor, todo ser humano nasce com a capacidade de rir e chorar, entre muitas outras reações, que se manifestam de formas variadas e por diferentes razões. Todas, no entanto, têm como fim regular a vida e promover a sobrevivência. Em complementação, o neurocientista acrescenta que

"Não contente com as benesses da sobrevivência, a natureza tratou de nos proporcionar uma mais-valia: o equipamento inato da regulação da vida não está desenhado para produzir um estado neutro, a meio caminho entre a vida e a morte. Pelo contrário, a finalidade do esforço homeostático é produzir um estado de vida melhor do que o neutro, produzir aquilo que nós, seres pensantes, identificamos como o bem-estar."²

Discorrendo sobre o momento histórico pós-Segunda Guerra, o pesquisador e psicólogo britânico Paul Gilbert fala de uma expectativa de melhoria da qualidade de vida não confirmada no plano prático:

"Depois da Segunda Guerra Mundial, o foco era o bem-estar e a construção de comunidades melhores. Assim, na Grã-Bretanha, nós construímos o Serviço Nacional de Saúde, novas universidades e um sistema ferroviário que, efetivamente, funcionava e não tratava as pessoas como gado. (...) Durante a década de 1960, nós fomos levados a acreditar que ciência e tecnologia iriam, gradualmente, aumentar nosso lazer e nosso tempo dedicado à família, iriam permitir que nos aposentássemos cada vez mais cedo e, de maneira geral, se concentrariam em aumentar o bem-estar humano. Essa filosofia de construir sociedades para o nosso 'bem-estar' se perdeu, substituída pela necessidade de manter a 'competitividade' e ser 'eficiente' (...) Na realidade, estamos experimentando exatamente o oposto de uma liberação da labuta e das pressões do trabalho."³

Em análise estrutural, o professor e pesquisador Jorge Lucio de Campos identifica a modernidade como uma era projetada pelo homem e aponta um investimento de esforços que se focou na ciência, em detrimento dos campos da filosofia e da arte:

"A modernidade foi a primeira era projetada pelo homem – diferentemente da Antiguidade e do mundo medieval. Por ser um projeto, ela incluiu uma série de valores e características particulares, como o fato de ser calcada no sonho da razão. (...) Dos saberes filosofia, ciência e arte, a ciência foi a alavanca, o ponto de partida deste projeto. Quando se falou em razão, pensou-se, efetivamente, na razão científica. Não houve, ao lado do investimento na ciência, um investimento no campo da *preparação*, algo que estaria relacionado à filosofia e à arte, através de propostas educacionais. Então, nós temos uma aceleração que chega de fora para dentro e de cima para baixo em nossas vidas, e que acaba nos fazendo muito mal, porque estamos sendo acelerados sem que estejamos preparados para isso."⁴

Trazendo a discussão para o campo do design, é notória a premissa de que, de maneira geral, os produtos são elaborados com o intuito de contribuir para o bem-estar (Hekkert & Schifferstein, 2008). Nesse sentido, o mergulho no universo de domínio do *usuário* – termo por vezes inapropriado, mas tomado aqui para se referir às pessoas servidas por meio do design – e a investigação das experiências diárias das pessoas dão consistência ao desenvolvimento de projeto em design. O envolvimento das pessoas no processo e a atenção ao contexto de uso do produto reforçam uma mudança de foco que parte do design voltado ao objeto para o design voltado à experiência (Buxton, 2007).

Como ilustração dessa perspectiva projetual centrada nas pessoas, dois trabalhos desenvolvidos no Instituto de Design Industrial da Universidade Tecnológica de Delft merecem ser citados aqui: o programa de pesquisa User Experience (UX), coordenado pelo professor Paul Hekkert⁵; e a tese de doutorado *Trazendo o dia-a-dia das pessoas para o design*, da professora Froukje Sleeswijk Visser⁶.

O programa UX tem por objetivos entender como as pessoas experimentam produtos, sistemas e serviços, medir essas experiências, e a dar apoio aos designers no sentido de projetar com foco nelas. Para isso, o programa de pesquisa apresenta quatro temas principais, que abordam a temática da experiência do usuário sob diferentes ângulos: fluência sensorial e cognitiva; estética, significado e emoção; cultura, situação e sociabilidade; e uso, conforto e segurança.

Em sua tese, Sleeswijk Visser apresenta o desenvolvimento de ferramentas de comunicação e de um modelo teórico para tornar as experiências dos usuários úteis para os designers nas fases iniciais do processo de desenvolvimento de produto. Seus estudos para a elaboração da tese se valeram do procedimento *context mapping*, ou **mapeamento de contexto**, desenvolvido em parceria com a pesquisadora norte-americana Elizabeth Sanders. A perspectiva fundamental do mapeamento de contexto é a de que todo usuário é especialista em seu domínio de experiência. Por exemplo, homens selecionados para pesquisa sobre a atividade de se barbear são encarados como especialistas nesse domínio, sendo estimulados a refletir sobre suas experiências diárias e contribuindo com dados qualitativos e expressivos para uma posterior fase projetual de concepção formal.

Sleeswijk Visser atenta para a riqueza das informações compartilhadas:

"Informação sobre os detalhes de como as pessoas experimentam situações específicas e rotinas é uma valiosa fonte de inspiração para designers, para criar produtos que se adequem à riqueza e à complexidade do dia-a-dia das pessoas. Comunicar essa rica informação sobre as experiências das pessoas está se tornando uma atividade especializada no design."⁷

Notas:

1. Marilda Lipp, *Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: teoria e aplicações clínicas*, p. 18.
2. António Damásio, *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*, p. 43.
3. "After the Second World War, the focus was on welfare and building better communities. So, in Britain, we built the National Health Service, new universities and a rail service that actually worked and didn't treat people like cattle. (...) During the 1960s, we were led to believe that science and technology would gradually increase our leisure and family time, would enable us to retire earlier and earlier and generally would concentrate on increasing human well-being. This philosophy of building societies for our 'welfare' is now all but gone, replaced by the need to maintain 'competitive edge' and make 'efficiencies' (...) In fact, we're experiencing exactly the opposite of a release from the drudgery and time pressures of work."
Paul Gilbert, *The compassionate mind: a new approach to life's challenges*, pp. 8 e 9.
4. Jorge Lucio de Campos, em entrevista concedida em 20/10/2010, como parte integrante deste projeto.
5. Programa de pesquisa User Experience (UX), coordenado pelo professor Paul Hekkert e parte integrante do portfolio de pesquisa do Instituto de Design Industrial da Universidade Tecnológica de Delft, Holanda.
6. Tese de doutorado apresentada no ano de 2009, originalmente intitulada *Bringing the everyday life of people into design*.
7. "Information about the details of how people experience specific situations and routines is a valuable source of inspiration for designers, in order to create products which fit the richness and complexity of the everyday lives of people. Communicating such 'rich experience information' about people is becoming a specialized activity in design."
Froukje Sleeswijk Visser, *Bringing the everyday life of people into design*, p. 11.

7

Convocamos a riqueza do mundo

- :: narrativa não-linear
- :: compulsão
- :: reflexão
- :: vida em desequilíbrio
- :: proposta de trabalho multidisciplinar
- :: fragilidade das relações humanas
- :: pós-humanidade

Como formalização projetual de **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO**, foi elaborado um DVD que acompanha este relatório e reúne um total de nove vídeos digitais, listados a seguir e explicados ao longo deste capítulo:

	DURAÇÃO
1. Vídeo narrativo que sintetiza os questionamentos propostos ao longo da fundamentação teórica do projeto	6min32s
2. Entrevista com o professor Amador Perez (Esdi/PUC-Rio)	29min54s
3. Entrevista com o professor Jorge Lucio de Campos (Esdi)	13min29s
4. Entrevista com o funcionário de manutenção José Luiz de Paula (Esdi)	9min18s
5. Entrevista com o professor Lauro Cavalcanti (Esdi)	14min44s
6. Entrevista com a professora Lucia Novaes Malagris (UFRJ)	16min24s
7. Vídeo que exhibe as locações públicas que serviram de matéria-prima para a elaboração do vídeo narrativo	8min05s
8. Vídeo que reúne os seis esquetes roteirizados por mim e interpretados por dois colaboradores	3min34s
9. Vídeo-apresentação que registra uma das apresentações intermediárias do projeto, realizada na sala de projeção da Esdi em 07/10/2010 como parte integrante das atividades letivas do 5º ano	11min42s

Vídeo narrativo

Trata-se de uma **narrativa não-linear** que conjuga três elementos básicos:

- a) imagens capturadas na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2010;
- b) áudio proveniente de entrevistas e também extraído de documentários e websites;
- c) dramatização de cenas interpretadas pelos colaboradores Bianca Arcadier e Daniel Saadia.

A seguir, são apresentados estes elementos estruturais que deram origem ao vídeo narrativo:

A captura de vídeos de curta duração na cidade do Rio de Janeiro se baseou no estabelecimento de dois polos norteadores, quais foram: *escaneamento* e *contemplação*.

Esta definição teve como referência uma citação do filósofo e professor francês Michel Lacroix, previamente apresentada no capítulo **A técnica não é neutra**, e reproduzida abaixo:

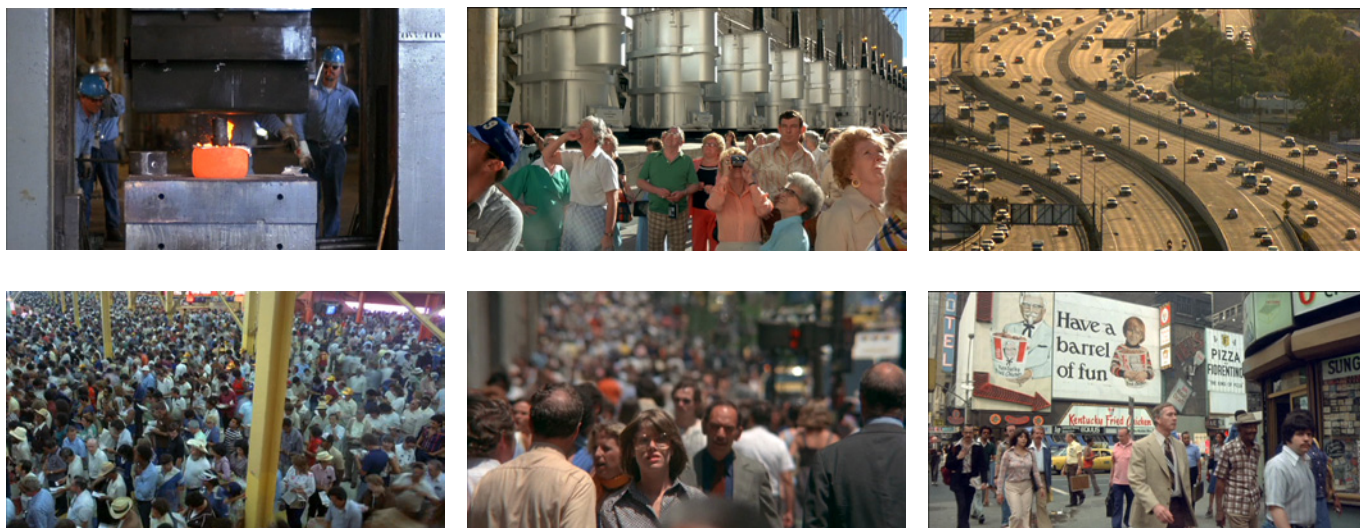
"Não há uma paisagem, uma cidade, uma obra-prima do cinema, um trecho musical, um museu, um quadro, uma espécie animal que não nos sejam instantaneamente acessíveis. Nenhuma outra época se beneficiou de tamanha colocação do mundo a seu dispor. Com um clique do mouse, um comando para baixar dados da rede, convocamos a riqueza do mundo. Mas esse poder sem limites tem seu avesso. (...) Ao eliminarmos as incertezas do encontro e o inesperado da surpresa, ao suprimirmos os obstáculos e as demoras do deslocamento físico, porventura não suprimimos também o deslumbramento? O escaneamento é inimigo da contemplação."¹

O polo *escaneamento* estaria relacionado às noções de aceleração, **compulsão** e tempo quantitativo, ao passo que a *contemplação* se relacionaria à **reflexão**, à observação e ao tempo qualitativo.

Dessa forma, nos meses de setembro e outubro, cidadãos cariocas foram filmados ora em momentos de reflexão, ora em passagens de pressa. Predominantemente, as locações se estabeleceram no centro da cidade (avenidas Rio Branco e Presidente Vargas; largos da Carioca e São Francisco de Paula; e ruas Sete de Setembro, do Ouvidor e da Quitanda), mas houve filmagens também nas praças Saens Peña e Afonso Pena, e no bairro da Urca.

Algumas dessas filmagens tomaram como referência cenas do filme *Koyaanisqatsi*, lançado em 1982, com produção e direção de Godfrey Reggio, música de Philip Glass e cinematografia de Ron Fricke (obra previamente citada no capítulo introdutório).

Parte de uma trilogia que inclui ainda os filmes *Powaqqatsi* (1988) e *Naqoyaqatsi* (2002), *Koyaanisqatsi* aborda aspectos do relacionamento entre seres humanos, natureza e tecnologia, por meio de uma composição que exhibe imagens de cidades e paisagens naturais norte-americanas, ora em câmera lenta, ora em trechos acelerados. A palavra que dá nome ao filme significa **"vida em desequilíbrio"** na língua Hopi, falada por um grupo indígena do nordeste do estado do Arizona (Estados Unidos).



Quadros do filme *Koyaanisqatsi*, dirigido por Godfrey Reggio.

ÁUDIO | ENTREVISTAS + EXTRAÇÕES

Os trechos de áudio trabalhados no vídeo narrativo provieram de entrevistas e também de extrações feitas a partir de documentários, websites e de uma palestra.

Em alinhamento à **proposta de trabalho multidisciplinar** que caracteriza este projeto, foram entrevistados os professores Amador Perez (Esdi/PUC-Rio), Jorge Lucio de Campos (Esdi), Lauro Cavalcanti (Esdi) e Lucia Novaes Malagris (UFRJ), além do funcionário de manutenção da Esdi, José Luiz de Paula.

Trazendo contribuições baseadas, naturalmente, em suas vivências e áreas de interesse (artes plásticas, filosofia, arquitetura, antropologia social e psicologia), os entrevistados responderam a perguntas semelhantes, que giravam, basicamente, em torno de três questões: a) sua percepção do ritmo social urbano (aceleração); b) a importância que eles davam ao (re)contato humano; c) a mediação dos instrumentos tecnológicos em suas vidas.

Com relação às extrações, que dissociaram o áudio das imagens correspondentes, o material foi retirado das seguintes fontes:

Documentários / DVDs

Paulinho da Viola – Meu Tempo é Hoje (2003);

Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil (2005)

Websites

www.youtube.com

<http://videlectures.net>

<http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes>

Palestra

palestra de Sérgio Besserman realizada na Esdi em 19 de agosto de 2010, organizada pela professora Noni Geiger

Os discursos ouvidos ao longo do vídeo e creditados ao seu final foram obtidos nas fontes explicitadas abaixo:

Alexandre Wollner	DVD <i>Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil</i> (2005)
Amador Perez	entrevista concedida em 21/09/2010, parte integrante deste projeto
Armando Nogueira	www.youtube.com/watch?v=0qc6qpUUKAc&feature=related (acessado em 13/09/2010)
Jorge Frascara	http://videolectures.net/aml2010_frascara_diti/ (acessado em 22/07/2010)
Jorge Lucio de Campos	entrevista concedida em 20/10/2010, parte integrante deste projeto
José Luiz de Paula	entrevista concedida em 22/09/2010, parte integrante deste projeto
Lauro Cavalcanti	entrevista concedida em 22/09/2010, parte integrante deste projeto
Lucia Novaes Malagris	entrevista concedida em 20/09/2010, parte integrante deste projeto
Moacyr Luz	http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/audios/audios-entrevistas
Octavio Paz	www.youtube.com/watch?v=rFYTyGiHmc&feature=related (acessado em 20/07/2010)
Paulinho da Viola	DVD <i>Paulinho da Viola – Meu Tempo é Hoje</i> (2003)
Sérgio Besserman	palestra realizada na Esdi em 19/08/2010
Umberto Galimberti	www.youtube.com/watch?v=7RqkyvUhnEk (acessado em 21/07/2010)

DRAMATIZAÇÃO | CENAS ROTEIRIZADAS

Uma vez que um dos pilares do projeto é a valorização da (re)aproximação e troca humanos, o vídeo narrativo inclui também a interpretação de cenas que retratam o contato humano diário por meio das conversas de um casal.

Estes esquetes, roteirizados por mim e dramatizados pelos colaboradores, e amigos, Bianca Arcadier e Daniel Saadia, exploram princípios discutidos ao longo da fundamentação teórica de **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO**. Entre eles, destacam-se: a atenção fragmentada (que acarreta um ouvir não-sensível); a imposição do tempo cronológico sobre o dia-a-dia (noção de prazos); e a sensação de impotência frente à rotina (acúmulo de tarefas).

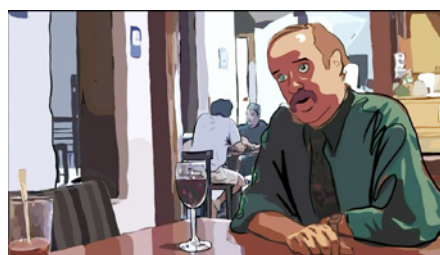
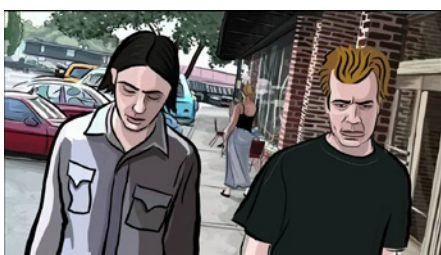
O desenvolvimento das cenas teve como inspiração duas produções contemporâneas: a peça teatral *O que eu gostaria de dizer*, dirigida pelo brasileiro Marcio Abreu (2008); e o filme *Waking Life*, dirigido pelo norte-americano Richard Linklater (2001).

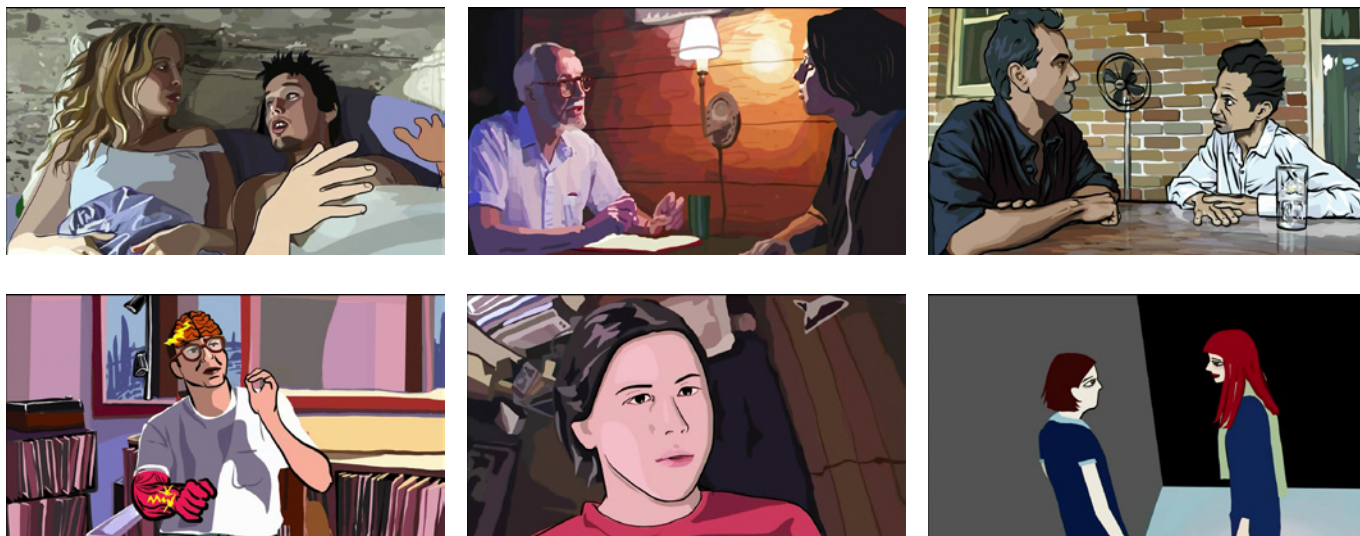
O espetáculo *O que eu gostaria de dizer* – cujo elenco é composto pelos atores Luis Melo, Bianca Ramoneda e Márcio Vito – trata de temas como a **fragilidade das relações humanas** e a passagem do tempo. Os textos foram criados em processo colaborativo pelo próprio grupo de atores e diretores, e também por adaptações livres de alguns poemas de Gonçalo M. Tavares, extraídos do livro *O homem ou é tonto ou é mulher*.



Cenas da peça teatral *O que eu gostaria de dizer*, dirigida por Marcio Abreu.

Já o filme *Waking Life* aborda a natureza dos sonhos e do estado de consciência ao fazer o espectador acompanhar os passos de um jovem que, por vezes observa, e por outras participa, de discussões filosóficas sobre temas como realidade, livre-arbítrio e **pós-humanidade**. Todas as cenas foram capturadas em vídeo digital e posteriormente trabalhadas por um grupo de animadores, que, utilizando técnicas de animação baseadas na rotorescopia², criaram desenhos estilizados em sobreposição a cada um dos quadros de filmagem.





Quadros do filme de animação *Waking Life*, dirigido por Richard Linklater.

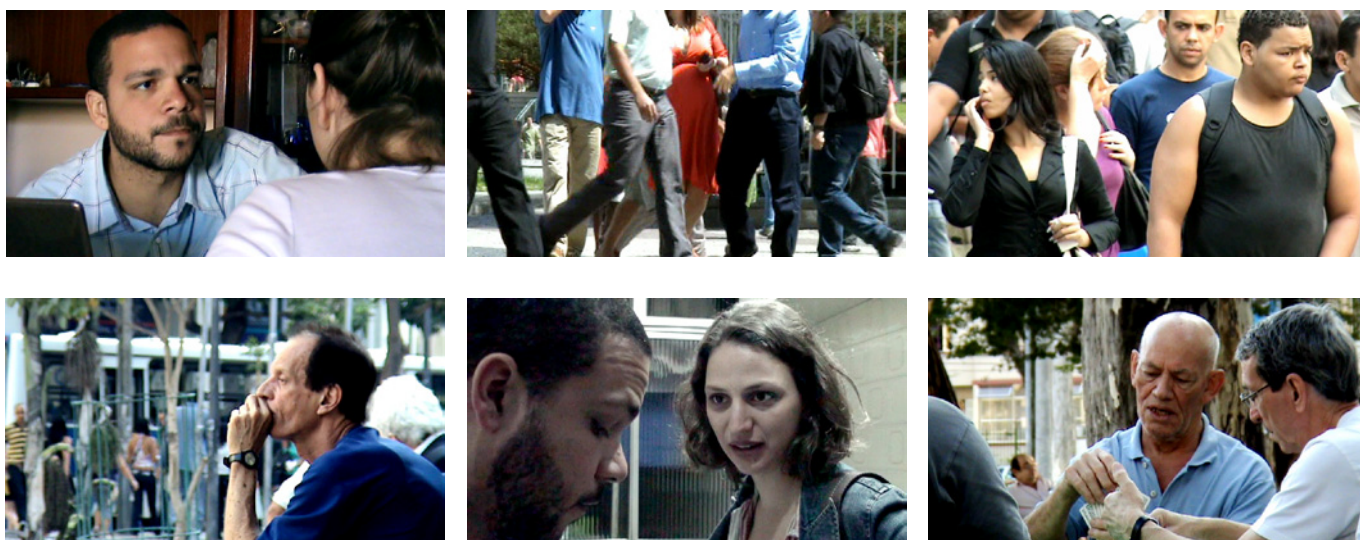
CONJUGAÇÃO DE ELEMENTOS

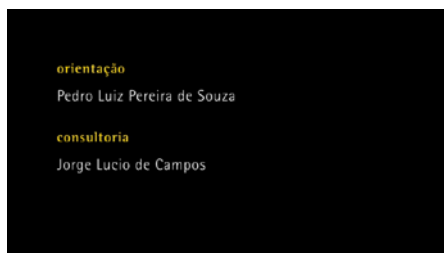
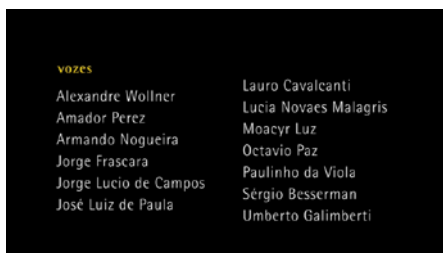
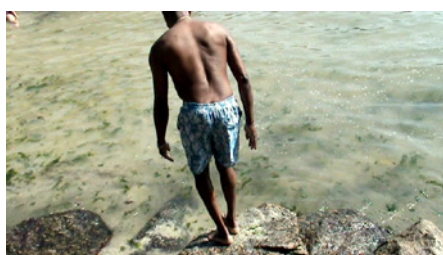
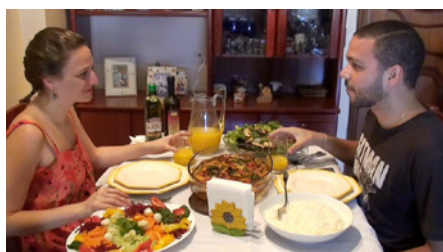
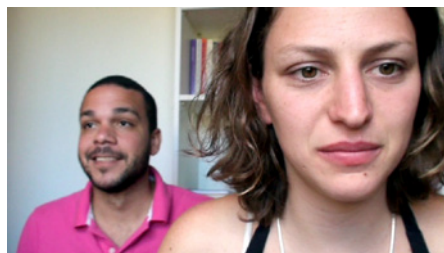
No vídeo narrativo, o áudio proveniente das entrevistas e das extrações foi articulado com as imagens de espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro, trazendo em vozes a contribuição de personagens de tempos e espaços distintos.

Já as cenas dramatizadas, em atmosfera intimista, associam áudio e imagem correspondente para evidenciar o ambiente da casa.

Dessa forma, são explorados os dois extremos complementares do eixo que o antropólogo Roberto DaMatta acredita ser fundamental na classificação de eventos, relações e pessoas: a casa e a rua, o local de reconhecimento pessoal e o berço da batalha (DaMatta, 1986).

Abaixo, estão reproduzidos quadros que compõem o vídeo principal.





Quadros extraídos do vídeo narrativo de **VOZES DE UM CIDADE EM ANDAMENTO**.

Vídeos das entrevistas

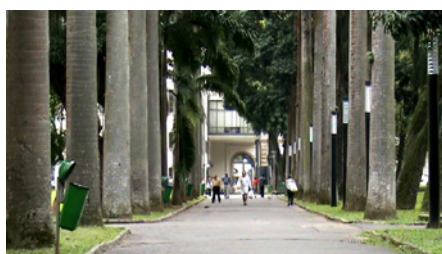
As imagens que acompanham as vozes dos entrevistados foram capturadas no mês de novembro nas imediações dos locais onde as entrevistas aconteceram. A seguir, apresenta-se a correspondência entre entrevistado e local de entrevista:

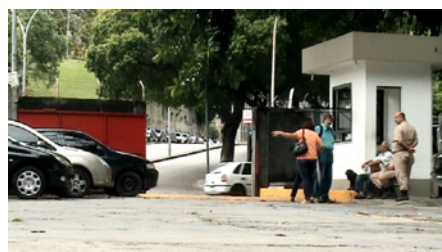
Amador Perez	seu ateliê, no Flamengo (filmagens na Praia do Flamengo, no Museu da República e na esquina da Rua do Catete com Rua Ferreira Viana)
Jorge Lucio de Campos	Esdi, Lapa (filmagens na Avenida República do Paraguai, na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro e na Avenida República do Chile)
José Luiz de Paula	Esdi, Lapa (filmagens dentro da Escola Superior de Desenho Industrial)
Lauro Cavalcanti	Esdi, Lapa (filmagens na Rua do Lavradio e na Praça Cardeal Câmara)
Lucia Novaes Malagris	Instituto de Psicologia da UFRJ, Urca (filmagens na Avenida Venceslau Brás e no Campus da Praia Vermelha/UFRJ)

Este partido projetual se baseou na ideia de mostrar que a cidade do Rio de Janeiro, assim como toda grande metrópole, tem vida própria, isto é, está em constante andamento. Enquanto eram realizadas as entrevistas em locais fechados e silenciosos, a vida urbana seguia seu fluxo natural pelas ruas da cidade.

Pelo fato de as entrevistas e as capturas em vídeo terem sido feitas pela mesma pessoa – no caso, por mim – as imagens que acompanham as vozes não correspondem cronologicamente ao exato momento em que as entrevistas se sucederam. De qualquer forma, as composições finais se configuram como registros temporais que exprimem as percepções e idealizações dos entrevistados em seu então momento presente (ano de 2010).

Abaixo, estão reproduzidos quadros que compõem os vídeos das entrevistas.





Quadros extraídos dos vídeos das entrevistas.

Vídeo das locações

Neste vídeo, são exibidas as locações que serviram de matéria-prima para o desenvolvimento do vídeo principal.

O propósito da criação deste vídeo e de sua inserção no DVD foi o de colocar em primeiro plano a voz da cidade, uma vez que os sons que acompanham as imagens são os que naturalmente compõem a paisagem sonora dos espaços públicos contemplados. Estes espaços estão listados abaixo:

Avenida Rio Branco, Centro

Praça Afonso Pena, Tijuca

Avenida Presidente Vargas, Centro

Praia da Urca, Urca

Rua Sete de Setembro, Centro

Praça Melvin Jones, Centro

Praça Saens Peña, Tijuca

Largo da Carioca, Centro

Rua do Ouvidor, Centro

Escola Portátil de Música (Campus da Praia Vermelha/Unirio), Urca

Abaixo, estão reproduzidos quadros que compõem o vídeo das locações.



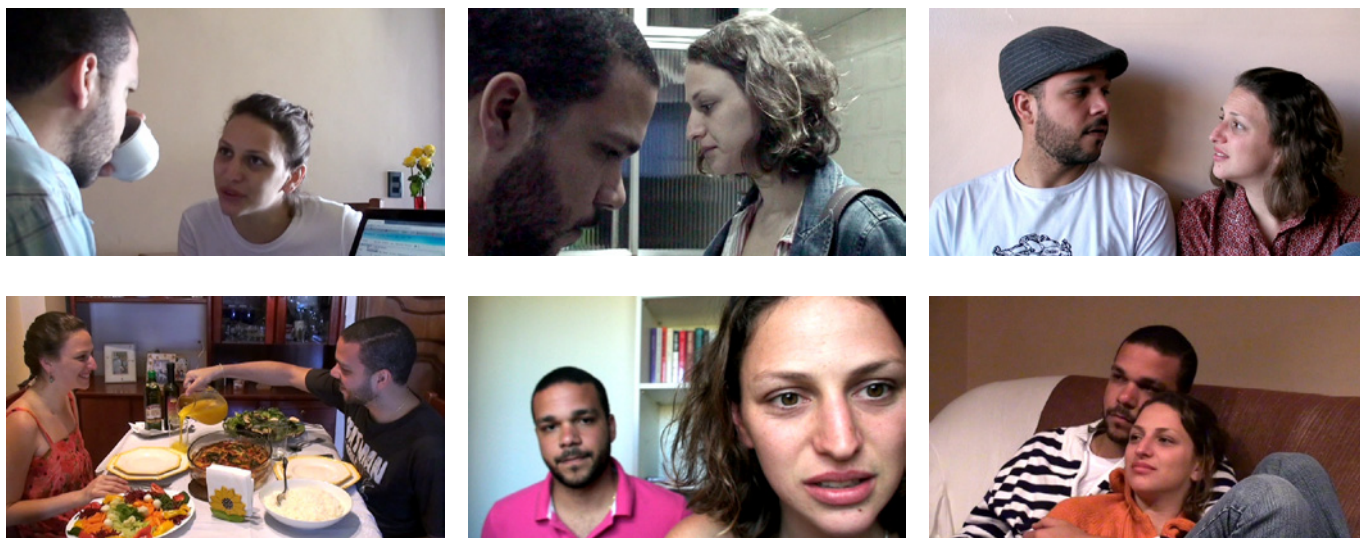
Quadros extraídos do vídeo das locações.

Vídeo das cenas dramatizadas

Este vídeo apresenta em sequência os seis esquetes desenvolvidos para **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO**.

Na seção **Anexo** deste relatório, pode ser conferido o texto original das seis cenas roteirizadas para o projeto, das quais quatro foram incorporadas ao vídeo principal.

A seguir, estão reproduzidos quadros que compõem o vídeo com os esquetes.



Quadros extraídos do vídeo das cenas dramatizadas.

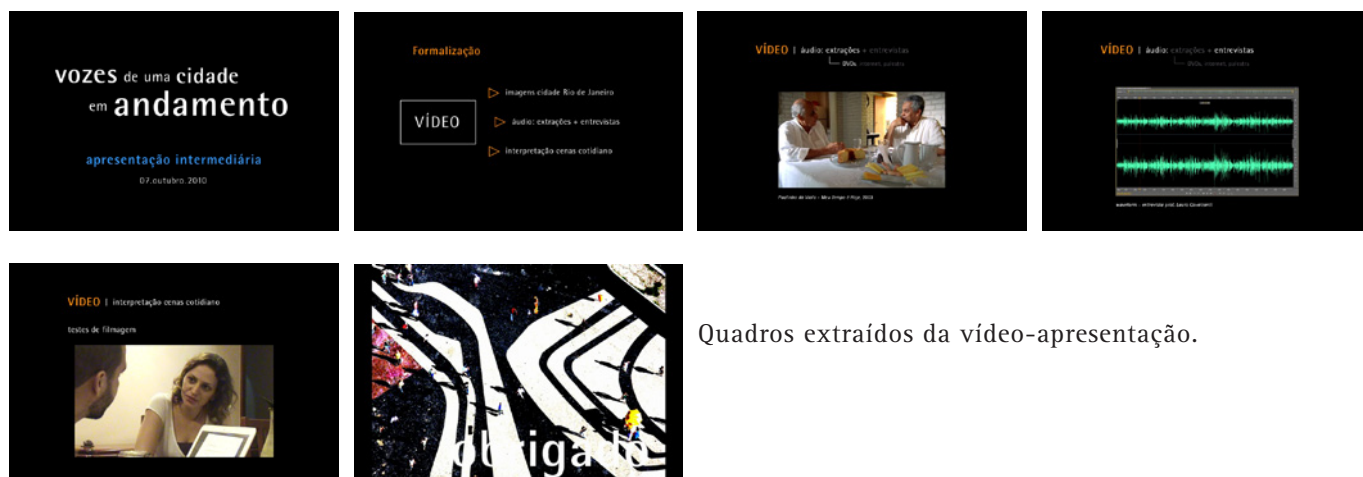
Vídeo-apresentação

No dia 7 de outubro de 2010, os alunos do 5º ano da Esdi realizaram, coletivamente, apresentações intermediárias a respeito do desenvolvimento de seus projetos de conclusão.

À época, de posse do gravador de áudio utilizado nas entrevistas, gravei a minha fala, imaginando que ela pudesse fazer parte do vídeo narrativo como uma das vozes da cidade em andamento. No entanto, na finalização do projeto, optei por usar este material gravado na criação de uma vídeo-apresentação com o objetivo de registrar uma das etapas do meu processo de trabalho.

Esta vídeo-apresentação conjuga o áudio de minha fala com as imagens das pranchas de apresentação que foram exibidas na sala de projeção da Esdi durante a explanação.

Abaixo, estão reproduzidos quadros que compõem a vídeo-apresentação.



Quadros extraídos da vídeo-apresentação.

Aparelhos e softwares utilizados

As filmagens de espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro foram realizadas com uma câmera filmadora portátil Sony, modelo DCR-SR60.

Já a dramatização de cenas foi capturada com uma câmera semelhante, de modelo HDR-SR12, gentilmente emprestada pela professora Lucy Niemeyer, em nome do Laboratório Multidisciplinar de Pensamento Crítico em Design: Estudos, Pesquisas, Eventos e Produção – Design, Cultura e Filosofia (LabCult). O laboratório está instalado na Esdi e tem a professora Lucy Niemeyer como sua coordenadora.

A captação do áudio das entrevistas foi feita com o auxílio do gravador digital Zoom H2, utilizado também na gravação do áudio das cenas dramatizadas, que, posteriormente, foi sincronizado com as imagens correspondentes.

Quanto aos softwares usados na construção dos vídeos, destacam-se: Audio Hijack Pro versão 2.9.6 (extrações de áudio de documentários, websites, palestra); Adobe Soundbooth CS5 (edição e montagem de arquivos de áudio); e Adobe After Effects CS5 (edição, montagem e finalização de vídeo).

Aplicação do conteúdo do DVD

Finalmente, o vídeo principal se configura como uma ferramenta de alerta ao cidadão contemporâneo, propondo um chamado à mudança de mentalidades e posturas por meio da reflexão, num estágio social marcado por afastamento e desconexão humanos.

Da mesma forma, ele lida com a necessidade de estimular uma reflexão crítica sobre o papel social dos designers e sua desejável atitude consciente em relação à produção, uma vez que, ao conceberem produtos para as pessoas e aplicá-los no mundo, eles produzem um grande impacto sobre o comportamento e o bem-estar social.

Além disso, sob o ponto de vista da educação, o material reunido no DVD pode ser trabalhado como ferramenta de fomento à discussão nos campos de ensino contemplados pelo projeto **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO** – como, por exemplo, a psicologia, o design e a filosofia – e em outras áreas do saber, já que os princípios abordados têm caráter global.

Notas:

1. Michel Lacroix, *O culto da emoção*, pp. 171-2.
2. Rotoscopia "s.f. Processo que consiste na filmagem das várias sequências com a utilização de figuras humanas verdadeiras, sendo a imagem animada construída depois sobre a própria película." Definição retirada do Dicionário da Língua Portuguesa.widget versão 3.0 (integrante do sistema operacional Mac OSX), cuja fonte é o dicionário online da Priberam.

8

Em um Segundo

- :: consistência
- :: condição humana
- :: Facebook, MySpace, Twitter
- :: tecnociência
- :: crítica
- :: filtro para a vertigem do mundo
- :: filosofia de vida

Este capítulo reúne uma seleção com trechos de matérias publicadas no ano de 2010 na seção Segundo Caderno, do jornal O Globo.

Apresentados sob a forma de uma colagem textual, são fragmentos que serviram de inspiração e motivação ao longo do desenvolvimento do projeto **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO**. Eles trazem à discussão temas como a percepção da passagem do tempo, a proliferação das redes sociais e dos diálogos em rede no mundo todo, e as estratégias adotadas por artistas, músicos e cineastas para a veiculação de suas ideias.

"Thiago Rocha Pitta é extrovertido, tem a fala solta e, em 30 anos de vida, já morou em cinco cidades. Já sua obra é silenciosa, arraigada, 'sedimentar', como ele gosta de dizer. Exige tempo para acontecer e serenidade do espectador.

— O tempo é o aspecto mais importante do meu trabalho – afirma o artista.
— Gosto de lidar com obras que sejam transparentes ao tempo que passa. Quando era estudante e pintava paisagens, ficava incomodado quando a pintura secava, porque a transformação parava. Sempre gostei do processo. Comecei a fazer vídeos um pouco por conta disso. (...)

— Sou preguiçoso, meu ídolo é o Dorival Caymmi – brinca Thiago, numa de suas muitas piadas. — As coisas levam muito tempo para ser concebidas e feitas. Se eu acelerar, perco minha **consistência**. Cada vez mais se acha que o dinheiro pode dispor de tudo, mas tempo não se compra. Para mim ele é uma matéria, uma ferramenta. E meu tempo é devagar, sedimentar, estendido. Volta e meia tenho uma explosão e faço várias coisas, mas geralmente já estou pensando nelas há muito tempo.

No fim de agosto, Thiago participa de uma coletiva de artistas na Bienal de Arquitetura de Veneza. Em setembro, expõe na Gentil Carioca e na Paralela, mostra de galerias realizada simultaneamente à Bienal de São Paulo. Depois ele vai deixar a rotina diária no ateliê e ficar um tempo sem fazer nada, com a mulher e o primeiro filho, que nasce em um mês e meio. O aventureiro, como ele diz que sempre foi, vai desacelerar, como sua obra:

— Minha vida já está mudando, e quero aproveitar isso."¹

"De oito anos pra cá, Deborah Colker enveredou pelo pantanoso universo da **condição humana** ao criar 'Nó' e 'Cruel', inscreveu seu nome na história do Cirque Du Soleil, com 'Ovo', tornou-se ainda mais exigente com seus

bailarinos e com ela mesma, e ganhou um neto – Théo, de 11 meses. Natural, portanto, que o '4 por 4' que estreou em 2002 no João Caetano seja diferente do espetáculo que reestrei hoje no mesmo teatro, com ingressos a R\$ 15 e R\$ 20. A começar pelo número de bailarinos – 17 agora, contra os 12 de então.

— E só três que dançaram na estreia continuam na companhia – diz ela, de 49 anos.

A própria Deborah, que dançou três das quatro coreografias de 2002, agora se apresenta em apenas uma:

— É que cada vez estou acumulando mais coisas. Dirijo, coreografo, danço. E, como toco piano no espetáculo (a sonata nº1 de Mozart), estou ensaiando pelo menos uma hora por dia."²

"Cada vez mais, a vontade dos homens está submetida às suas produções; as coisas mandam nos desejos e nos programam. (...) Está se formando uma nova vida social, sem finalidade, sem esperança ideológica, mas que poderá ser muito interessante em sua estranheza. A **tecnociência**, o espantoso avanço da comunicação, da cultura da web, dos diálogos em rede no mundo todo, os Twitters e blogs estão roendo os princípios totalizantes e totalitários. O futuro não será mais o que era, como escreveu Valéry. Tudo se passará aqui e agora, sempre. Há um enorme presente. O passado será chamado de 'depreciação'.

A rapidez dessas mutações nos dá frio no estômago, mas a vida mesma dará um jeito de prevalecer e talvez esse atual fantasma que assombra os metafísicos esteja nos libertando de antigos 'sentidos' tirânicos, trazendo uma nova forma de aventura existencial e social que possa vir justamente da desorganização da 'ideia única'. Em nossa cabeça as ideias sempre criaram as invenções, os avanços morais ou políticos. Mas as ideias agora surgem das coisas. Sistemas éticos ou racionais surgirão dos microchips, da tecnologia molecular, e não o contrário."³

"Aos poucos, nos últimos anos, uma geração de artistas baseados em São Paulo, de diferentes motivações e origens (Paraná, Recife, Ceará, Rio e mesmo a capital paulista), vem trocando ideias, e-mails, arquivos MP3, mensagens no **Facebook**, links do **MySpace** – produzindo muito e alimentando uma cena que agora, madura, se configura como a mais consistente do país, apesar do pequeno alcance comercial.

— Por algum motivo, a produção corrida, ou seja, em volta das gravadoras, acaba virando pasteurizada, vide o Rio de Janeiro, vide Los Angeles. Quando isso acontece é necessário reabastecer-se em algum lugar. E como disse Caetano em 'Sampa', São Paulo tem aquele negócio de deselegância discreta das meninas, tem Novos Baianos andando na garoa. (Tulipa Ruiz)"⁴

"Instalada na internet, a rádio vai no sentido contrário da hiperfragmentação do meio – os 140 toques do **Twitter** são paradigmáticos. Mas (Francisco) Bosco afirma que está à vontade ali.

– Trabalhamos com valores não habituais nesse universo do Twitter, mas que a internet permite, como a lentidão, a duração e a **crítica**. E a rádio on-line tem a vantagem de ser uma rádio presente, com transmissões ao vivo e uma rádio arquivo, já que todos os programas ficam disponíveis para serem ouvidos a qualquer momento.

Apoiada em lentidão, duração e crítica, a rádio se pretende também um polo de discussão cultural. O programa 'Rádio-pensamento' levará ao ar seminários, cursos e debates realizados no IMS. A primeira edição traz o arquiteto Paulo Mendes da Rocha e o crítico de arte Ronaldo Brito falando sobre Brasília. A noite 'Poemúsica' também estará na rádio. Realizada em março deste ano, o evento reuniu Augusto de Campos, Cid Campos e Adriana Calcanhotto para pensar e cantar a poesia concreta.

– Mas não somos contra a brevidade – reforça Bosco. – 'Vitamina B' tem dois minutos de fala e uma canção do personagem em questão. São curiosidades como o lado cancionista de Di Cavalcanti, ou a história de Luiz Barbosa, que acompanha Noel Rosa na gravação de 'Gago apaixonado', fazendo percussão de lápis no dente. Assim como 'Música para escovar os dentes', que é para o ouvinte distraído."⁵

"Como um guia pelos ambientes da exposição, o artista explica com naturalidade sua elaboração, ainda que não busque qualquer significação para aqueles objetos. No fim das contas, ele não quer que eles tenham tradução. Ainda assim, Waltercio (Caldas) não tem pudor de conversar sobre eles. E mostra sua missão impossível desde o início, nas paredes vermelhas que bloqueiam a visão do espectador que para tudo o que está por vir, preparando-o para 'O silêncio do mundo' (2009), que é uma espécie de antessala da exposição. Ali, os objetos negros absorvem uma luz azul, criando um ambiente propositadamente intimista.

– As pessoas chegam de fora com muita informação. Eu queria um **filtro para a vertigem do mundo**. Aqui, é como se eu baixasse o tempo – explica o artista.

Depois do silêncio, volta-se à vertigem em 'A velocidade', que Waltercio criou para a Bienal de São Paulo de 1983 a partir da percepção de que as pessoas ficam em média de dez a 15 segundos diante de uma obra de arte. Ironicamente, a obra é para ser vista rapidamente, num movimento que dá ao passante a sensação de mudança cromática de caixinhas de chiclete Adams, das quais o artista retirou o logotipo, mantendo apenas a cor. No lado oposto do corredor, as embalagens são todas brancas, como um 'fantasma' da outra parede, define Waltercio.

Vertiginosamente, o espectador é lançado num espaço de ambientes integrados, podendo escolher seu próprio percurso por eles. Apresentada no ano passado no Museu Vale, em Vila Velha, a exposição chega ampliada ao MAM, e foi montada especialmente para o espaço do museu.

— Ela é pensada como uma sinfonia. Cada sala lida de uma forma com o tempo, que pode ser vertiginoso, suspenso, cadencial – diz Waltercio, que constantemente fala de tempo, apesar de ser sempre definido como um artista do espaço, mas não vê contradição nisso. — Novalis (o filósofo alemão) disse que espaço é tempo exterior, e tempo é espaço interior.”⁶

“— Passei a fazer cinema ao perceber que eu poderia provocar mudanças maiores com os filmes do que me limitando ao mundo acadêmico – diz Julia (Bacha). — Mas não me vejo como ativista. Ser considerada mais cineasta do que ativista é uma maneira de que minhas histórias cheguem a mais gente. O trabalho da Iara (Lee) ou dos ativistas israelenses que aparecem em *Budrus* é a resistência. O meu é fazer com que as ações deles sejam visíveis. Eu fiz meu filme focado num vilarejo justamente para não parecer ser mais a mesma discussão de sempre sobre a qual muita gente não aguenta mais ouvir falar.

— Eu já me considero mais ativista do que diretora. Se todos trabalharem para mudar o mundo, quem sabe a gente não consegue? – provoca Iara.
— Eu estive em mais de 25 países filmando. E continuo filmando. Acabo de vir do Afeganistão e depois do Festival do Rio vou para o Congo. A ideia é que o processo continue e que possamos ir atualizando. O *Culturas de resistência* pode ter várias versões. Não se trata apenas de cinema, mas de uma **filosofia de vida**.”⁷

Notas:

1. Trecho da matéria “Tempo estendido”, escrita pela jornalista Suzana Velasco e publicada em 23 de julho de 2010.
2. Trecho da matéria “Deborah Colker, uma criadora em três tempos”, escrita pelo jornalista Mauro Ventura e publicada em 23 de julho de 2010.
3. Trecho da matéria “Nossa vida será um videogame?”, escrita pelo jornalista Arnaldo Jabor e publicada em 27 de julho de 2010.
4. Trecho da matéria “Vozes paulistanas”, escrita pelo jornalista Leonardo Lichote e publicada em 9 de agosto de 2010.
5. Trecho da matéria “Uma aventura pela música brasileira”, escrita pelo jornalista Leonardo Lichote e publicada em 22 de agosto de 2010.
6. Trecho da matéria “Sinfonia no espaço”, escrita pela jornalista Suzana Velasco e publicada em 26 de agosto de 2010.
7. Trecho da matéria “Vozes brasileiras em busca de mudança”, escrita pelo jornalista André Miranda e publicada em 4 de outubro de 2010.

Conclusão

A realização de **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO** exigiu esforços e habilidades diversas e foi efetivamente enriquecedora enquanto processo de trabalho.

O exercício de ir a campo em busca do registro de imagens das ruas do Rio de Janeiro foi uma das maiores motivações ao longo do desenvolvimento do projeto, pela certeza da multiplicidade e riqueza das cenas protagonizadas diariamente pelos cidadãos cariocas em diversos cantos da cidade.

No entanto, vale ressaltar que, uma vez que era feita sem a ajuda de nenhum acompanhante, esta atividade de captura exigiu atenção redobrada: além de atentar para questões técnicas como enquadramento e focagem, eu precisava ser rápido e discreto o suficiente para não perder a espontaneidade das cenas observadas. Além disso, pelo fato de as filmagens terem sido realizadas predominantemente no centro da cidade (local de intenso fluxo comercial e movimentação de pessoas), tive que estar alerta também para o risco de assalto, uma vez que minha câmera filmadora, por mais compacta que fosse, acabava chamando a atenção durante as capturas.

Por razões de segurança – ou pela falta dela – todas as filmagens de espaços públicos aconteceram à luz do dia, e alguns locais da cidade que se configuram como áreas de risco não puderam ser contemplados, o que deve ser registrado aqui como uma das limitações do projeto.

Ao final desta jornada de trabalho, fico feliz por ter me dado o tempo de conversar com cada um dos entrevistados sem pressa, aprendendo com suas palavras e experiências próprias. Aqueles foram preciosos minutos em que pude ouvi-los falando a respeito de suas percepções do ritmo social urbano, baseadas em suas vivências muito particulares.

A respeito dos variados andamentos nas metrópoles contemporâneas, o pesquisador inglês John Thackara acredita que um regime temporal mais equilibrado não surgirá por si próprio:

“Levou a industrialização, e em particular os desenvolvimentos tecnológicos ocorridos entre a década de 1870 e a Primeira Guerra Mundial, para tornar a mobilidade cotidiana tecnicamente possível: melhores estradas, trens, e navios a vapor, e posteriormente carros, ônibus e aviões. Mas levou a cultura da modernidade, uma cultura de velocidade, para tornar a mobilidade *desejável*. O mesmo é verdade hoje. Um regime temporal mais equilibrado não surgirá

por si próprio. Múltiplos andamentos – uns rápidos, outros lentos – podem coexistir, mas eles precisam ser desejáveis, e eles precisam ser projetados.”¹

O conjunto de vídeos que configura a formalização projetual de **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO** busca estimular o pensamento crítico e se alinha ao que Jorge Frascara entende como o design feito para tornar a vida melhor:

“Design que funciona para tornar a vida melhor inclui divertimento sensual e intelectual, a promoção de sentimentos maduros, habilidade para atingir altos graus de consciência sobre nossas vidas e ações, e sensibilidade cultural para construir a civilização e se relacionar construtivamente com os outros; todas essas coisas que nos tornam especificamente humanos.”²

O designer e professor argentino fala ainda sobre o almejado atributo da *eficiência*:

“Eu vejo a relação entre design e ciências sociais como algo que aumentará a habilidade do design de promover eficiência. Porém, eu vejo a necessidade de se usar esta eficiência de tal forma que aumentemos não somente nossa produção de bens de consumo, mas nosso tempo para refletir sobre nossa condição humana, nosso tempo para interagir com aqueles que amamos, e nosso tempo para introduzir mais significância, divertimento e consciência em nossas ações cotidianas.”³

Um dos artifícios empregados durante o desenvolvimento deste projeto foi o de explorar objetos de estudo de áreas do saber como a psicologia, as ciências sociais e a filosofia para fazer uma releitura do objeto de trabalho do design, visando encontrar o sentido social da atividade. Algo que está em consonância com o que sinaliza Pedro Luiz Pereira de Souza, para quem o design deve ser encarado como um componente:

“E não é só o design que resolve. O design é um componente. Teve gente que já achou que a arquitetura e o design seriam atividades que poderiam solucionar os problemas do mundo. Mas em hipótese alguma! Eles fazem parte das soluções possíveis, e essa é a minha visão do curso, o sentido político do design. Porque durante muito tempo se vendeu para nós, para vocês, para mim quando fui aluno, a imagem de que o design é alguma coisa heróica, é alguma coisa notável. E não é nada demais, é uma profissão. E você pode, como em qualquer profissão, encontrar o sentido social dela, ou não. A minha tentativa é sempre buscar o sentido social do design, e aí continuo moderno, por mais que isto seja *démodé*.”⁴

Parte de um conjunto de projetos que abordam a temática da cidadania, **VOZES DE UMA CIDADE EM ANDAMENTO** toma como princípio o desafio de mergulhar no universo daquele para quem – ou com quem – se projeta: o cidadão, o usuário, o fruidor, o participante, o co-criador, a pessoa, o humano. Desafio este que se manifesta nas palavras de Edgar Morin:

"Finalmente, viu-se que o caminho não é uma substância, mas um fenômeno de auto-eco-organização extraordinariamente complexo que produz autonomia. Em função disso, é evidente que os fenômenos antropossociais não poderiam responder a princípios de inteligibilidade menos complexos do que estes requeridos desde então para os fenômenos naturais. Precisamos enfrentar a complexidade antropossocial, e não dissolvê-la ou ocultá-la."⁵

Notas:

1. "It took industrialization, and in particular technological developments between the 1870s and World War I, to make everyday mobility technically possible: better roads, trains, and steamships, and later cars, buses, and airplanes. But it took the culture of modernity, a culture of speed, to make mobility *desirable*. The same is true today. A more balanced temporal regime will not emerge on its own. Multiple tempos – some fast, some slow – can coexist, but they have to be desirable, and they have to be designed." John Thackara, *In the bubble: designing in a complex world*, p. 48.
2. "Design that works to make life better includes sensual and intellectual enjoyment, the promotion of mature feelings, ability to reach high degrees of consciousness about our lives and our actions, and cultural sensitivity to build civilization and relate constructively to others; all those things that make us specifically human." Jorge Frascara, *Design and the social sciences: making connections*, p. 39.
3. "I see the relation between design and the social sciences as one that will increase the ability of design to deliver efficiency. But I see the need to use that efficiency so that we can increase not only our production of consumer goods, but our time to reflect about our human condition, our time to interact with others we love, and our time to introduce more significance, enjoyment and consciousness in our daily actions." Jorge Frascara, *Design and the social sciences: making connections*, p. 39.
4. Pedro Luiz Pereira de Souza, em entrevista concedida ao boletim eletrônico Sinal, da Esdi, em 28/06/2007. Nela, ele teceu comentários sobre o curso "Design moderno: forma, razão e política", que realizaria no mês de julho no Centro Universitário Maria Antonia, da USP (Universidade de São Paulo).
5. Edgar Morin, *Introdução ao pensamento complexo*, p. 14.

Anexo

A seguir, pode ser conferido o texto originalmente roteirizado para as seis cenas do projeto, das quais quatro foram incorporadas ao vídeo principal (cenas 1, 2, 4 e 5).

Cena 1

Homem e mulher conversam durante o café da manhã. Ela vai colocando a mesa, enquanto ele confere seus e-mails no laptop:

M – E o que foi que ele disse?

H – O que foi que ele disse o quê?

M – Que foi que ele falou sobre essa sua tosse que não passa?

H – Ah... Ele acredita que é porque eu ando muito estressado...

Você sabe, o Dr. Romeu me conhece há anos. Disse que o meu corpo deve estar somatizando essa tosse de tanta ansiedade, de tanto corre-corre.

M – Sei...

H – Mas estressado? Você sabe, eu sou um cara sereno, tranquilo, não sou de ficar discutindo, batendo boca com os outros, afundando a mão na buzina...

M – Você tinha era que fazer uma ioga, uns exercícios de relaxamento...
Ou então sei lá, entrar em uma aula de boxe, fazer um...

H – 47!

M – Quê?

H – 47 mensagens novas na minha caixa de entrada.
E olha que eu já tô atrasado.

M – Você tá prestando atenção no que eu tô falando?

H – Claro! Também não precisa ficar estressada.

Mulher sopra o ar, se aliviando, e balança a cabeça negativamente:

M – Já são 8h20. Você vai chegar atrasado.

H – Já tô descendo. Vou só dar uma conferida rápida no Gmail aqui.

Cena 2

Homem e mulher, recém-chegados em casa, conversam de pé na cozinha. Eles acabam de voltar do hospital, onde foram visitar a mãe dela, internada com problemas de saúde.

M – Tô me sentindo muito mal mesmo.

H – Eu tenho certeza que ela vai se recuperar super bem. Ela estava com uma cara boa, logo logo já está de volta, fazendo as coisas dela.

M – Acho que ela se recupera bem sim, foi só um susto, uma queda de pressão, mas a questão não é essa. Fico me sentindo culpada, péssima. Tenho maior amor pela minha mãe, fico me prometendo que vou visitá-la, mas acaba que fica só na promessa e isso me faz mal. É trabalho pra cá, trabalho pra lá, aula de manhã, curso à noite... os dias vão passando, as semanas vão passando, sabe...

E aí precisa vir uma coisa dessa, um problema de saúde para finalmente eu arrumar um tempo para encontrar com a minha mãe! E ela lá, deitada numa cama de hospital...

H – Sei o quanto isso tudo mexe com você e é difícil mesmo... quebrar a rotina de trabalho, valorizar o que a gente mais gosta, mas essa sua culpa também não te ajuda, não te faz bem.

M – É, mas já me ajuda a rever algumas coisas, a repensar umas posturas. Não dá mais pra ficar só na palavra...

Cena 3

Ping-pong entre marido e mulher na cama do casal. Ele, deitado de bruços, ela, sentada:

M – Vida.

H – Bandida!

M – Trabalho.

H – Cascalho.

M – Cidade.

H – Trindade.

M – Notícia.

H – Polícia!

M – Futuro.

H – Maduro.

M – Carinho.

H – Sozinho.

M – Sozinho?

H – Ah... Isso é só um jogo de rimar, não é mesmo?

M – É... Mas por quê você falou "sozinho"?

H – Ih... Foi a primeira palavra que me veio à cabeça, só isso.

M – Sei...

Cena 4

Casal está sentado à mesa, prestes a começar o almoço. A mesa está posta, muito bem servida e decorada.

M – Nossa! Que mesa mais linda! Toda arrumada. Com essa beleza toda parece até que nós vamos receber visitas.

H – Ah, mas eu acho que tem que ser assim mesmo. No meio de semana, a gente já não almoça juntos... Chega no final de semana, nós temos que aproveitar. E não tem coisa melhor do que ver uma mesa bonita, comer com tranquilidade, sem pressa. Poder apreciar esse momento juntos.

M – Verdade, vou até colocar uma música aqui pra nos acompanhar.

Cena 5

Mulher está entretida no computador quando marido chega para contar uma novidade. Os dois se cumprimentam e a mulher volta as atenções à tela:

M – Você queria me contar uma coisa, né?

H – Quero sim...

M – Putz, esse computador tá muito lento...

H – Ah é?

M – É... Quero comprar um novo, tô buscando uns modelos aqui... Mas pode ir falando, eu tô aqui...

H – Então, ontem meu chefe me chamou pra conversar na sala dele, e falou de uma vaga... Pra coordenar a seção e...

M – Core 2 Duo, 4 giga de RAM, HD de 500... Esse é perfeito!

H – Olha, eu acho que eu vou ser promovido!

M – Maneiro, muito maneiro... (segue digitando)

Cena 6 (cena de contemplação, sem diálogo)

Marido e mulher assistem a um filme abraçados no sofá.

Referências

Livros

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BONSIEPE, Gui. *Design: do material ao digital*. Trad. Cláudio Dutra. Florianópolis: FIESC/IEL, 1997.

BUXTON, Bill. *Sketching user experiences: getting the design right and the right design*. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2007.

CARDOSO, Rafael. "Design: objetivos e perspectivas". In: LIMA, Guilherme Cunha (org.). *Design: objetivos e perspectivas*. Rio de Janeiro: PPDESDI-UERJ, 2005.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihalyi; ROCHBERG-HALTON, Eugene. *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMAZIO, Vera; MONT'ALVÃO, Claudia (orgs.). *Design Ergonomia Emoção*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Trad. Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FORD, Henry. Produção em massa. In: FADIMAN, Clifton (org.). *O tesouro da Enciclopédia Britânica – o melhor do pensamento humano desde 1768*. Trad. Maria Luiza Borges. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FRASCARA, Jorge. "People-centered design: complexities and uncertainties". In: FRASCARA, Jorge (ed.). *Design and the social sciences: making connections*. London: Taylor & Francis, 2002.

- GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne: o homem na idade da técnica*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.
- GILBERT, Paul. *The compassionate mind: a new approach to life's challenges*. London: Constable & Robinson, 2010.
- HEKKERT, Paul; SCHIFFERSTEIN, Hendrik N. J. (eds.). *Product experience*. Amsterdam: Elsevier, 2008.
- JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Trad. Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- KAZAZIAN, Thierry (org.). *Haverá a idade das coisas leves: design e desenvolvimento sustentável*. Trad. Eric Roland Rene Heneault. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- LACROIX, Michel. *O culto da emoção*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- LIPP, Marilda (org.). *Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: teoria e aplicações clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- MAIA, Adinoel Motta. *A era Ford: filosofia, ciência, técnica*. Salvador: Casa da Qualidade, 2002.
- MOORE, Brian C. J. *An introduction into the psychology of hearing*. Amsterdam: Academic Press, 2003.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. Eliane Lisboa. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- NICHOLS, Michael P. *The lost art of listening*. New York: Guilford Press, 1995.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. Trad. Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SLEESWIJK VISSER, Froukje. *Bringing the everyday life of people into design*. Tese de doutorado, Delft University of Technology, 2009.
- THACKARA, John. *In the bubble: designing in a complex world*. Cambridge: MIT Press, 2005.
- WHETNALL, Edith; FRY, Dennis. *The deaf child*. London: Heinemann, 1971.

Projetos de graduação

BODANZKY, Alice. *Coreografismos: sistema cenográfico generativo para dança contemporânea*. Projeto de graduação, Esdi/Uerj, 2007.

PATERMAN, Ilana. *Shortcuts: aperte o botão e nós faremos o resto*. Projeto de graduação, Esdi/Uerj, 2007.

Artigos

BARRETT-LENNARD, Godfrey T. "Listening". *Person-Centered Reviews*, 3(4) 410-425, 1988.

WALKER, Dewey; GUGENHEIM, Susan; DOWNS, Marion; NORTHERN, Jerry. "Early language milestone scale and language screening of young children". *Pediatrics* Vol. 84 n° 3, September 1989.

Filmes

Koyaanisqatsi: Life Out of Balance. Direção e produção: Godfrey Reggio. Cinematografia: Ron Fricke. Roteiro: Walter Bachauer, Ron Fricke, Michael Hoenig e Godfrey Reggio. Música: Philip Glass. Estados Unidos: IRE Production, 1982. 1 DVD (86 min)

Mon Oncle. Direção: Jacques Tati. Produção: Louis Dolivet. Direção de fotografia: Jean Bourgoïn. Cenografia: Henri Schimitt. Música: Alain Romans e Franck Barcellini. Elenco: Jacques Tati; Jean Pierre Zola; Adrienne Servantie; Lucien Frégis; Betty Schneider; J.F. Martial; Dominique Marie e outros. Paris: Gaumont Distribution, 1956. 1 DVD (117 min)

Objectified. Direção e produção: Gary Hustwit. Direção de fotografia: Luke Geissbuhler. Design sonoro: Brian Bracken. Elenco: Paola Antonelli; Tim Brown; Anthony Dunne; Jonathan Ive; Bill Moggridge; Fiona Raby; Dieter Rams; Jane Fulton Suri e outros. Londres: Swiss Dots, 2009. 1 DVD (75 min)

Waking Life. Direção e roteiro: Richard Linklater. Produção: Tommy Pallotta, Jonah Smith, Anne Walker-McBay e Palmer West. Música: Glover Gill. Elenco: Wiley Wiggins; Kim Krizan; Lorelei Linklater; Trevor Jack Brooks; Timothy Levitch; Alex Jones e outros. Los Angeles: Fox Searchlight Pictures, 2001. 1 DVD (99 min)